



1290000867



TCC/UNICAMP C837p

**“ A POLÍTICA ECONÔMICA DE AUSTERIDADE:
O EXPERIMENTO THATCHER ”**

André Ribeiro Coutinho

Monografia apresentada no Instituto de
Economia da Universidade Estadual de
Campinas sob Orientação do Prof. José
Pedro Macarini. ✓

Campinas - Dezembro 1994 ✓

À Tatiana Wonsik, eterna amiga e companheira na busca pela plenitude.

À pureza de meus irmãos, Thiago e Juliana.

À memória de João Crisóstomo Ribeiro Coutinho, toda a *verve* e presença marcada em todos aqueles que com ele viveram.

À memória de Caio César Bandeira de Mello, o mais querido daqueles que partiram.

AGRADECIMENTOS

A dignidade, caráter e nobreza de espírito de José Pedro Macarini, exemplo de educador para o nosso tempo.

Meus queridos pais, Flávio e Carol, toda a paz, carinho e amor tão necessários à minha formação.

Todo o apoio e contribuição de José Carlos da Rocha Miranda, um dos leitores atentos deste trabalho.

“ Há mais fé e há mais verdade,
Há mais Deus com certeza
Nos cardos sêcos dum rochedo nu
Que nessa bíblia antiga... Ó Natureza,
A única bíblia verdadeira és tu!... ”

(Guerra Junqueiro)

“ As razões próprias nascem do entendimento, as alheias vão
pegadas à memória, e os homens não se convencem pela
memória, senão pelo entendimento .”

(Pe. Antônio Vieira)

“ Algumas pessoas vêem as coisas como elas são e se
pergunatam: ` Por que? ´
Eu sonho com coisas que nunca existiram
e me pergunto: ` Por que não? ´ ”

(G. B. Shaw)

ÍNDICE

	PAG.
INTRODUÇÃO -----	1
I. O FIM DE UM CONSENSO -----	3
I.1. O consenso keynesiano -----	4
I.2. Políticas Econômicas do Governo Trabalhista (1974-1979) -----	10
I.3. A Grã-Bretanha e os “ aspectos políticos do pleno emprego ” -----	16
II. MONETARISMO NA INGLATERRA: TEORIA E PRÁTICA _	27
II.1. Aspectos da política econômica no Primeiro Governo Thatcher -----	28
II.2. Uma Macro-Anatomia do Primeiro Governo Conservador (1979-1983) -----	38
II.3. A crítica pós-keynesiana -----	51
III. O LEGADO THATCHERISTA -----	56
CONCLUSÃO -----	66
PÓS-ESCRITO - “ The lady's not for turning ”, uma análise automática do discurso -----	68
BIBLIOGRAFIA -----	76

INTRODUÇÃO

O presente trabalho teve como pano de fundo a preocupação com a emergência do pensamento conservador nos anos oitenta, sua proliferação pelas economias desenvolvidas e, mais recentemente, pelos países latino-americanos. O resgate de uma filosofia que parecia sepultada com as idéias de Keynes nos anos trinta voltou à tona com todo vigor nas principais economias ocidentais(EEUU, Inglaterra). O efeito-demonstração do relativo (in)sucesso das políticas econômicas parece ter animado uma série de governos a adotarem políticas anti-intervencionistas e voltadas para o livre-mercado. O pensamento liberal, ora por sua plausibilidade, ora pela legitimidade, é talvez o mais divulgado entre acadêmicos e políticos, e ao mesmo tempo, aquele que mais se distancia da realidade . Suas propostas políticas originais nos remetem ora para um mundo futuro fictício, seja o da “ soberania do consumidor ” ou das expectativas racionais dos agentes, ora para um passado distante, talvez à época de A. Smith, quando efetivamente se podia falar em liberalismo.

A escolha da economia inglesa, pioneira na Revolução Industrial, marcada pela tradição e arcaísmo de suas estruturas políticas, foi algo proposital. No pós-Segunda Guerra, a Inglaterra foi paradigma das chamadas políticas keynesianas de administração da demanda dentro do *post war settlement*(consenso político). Ao mesmo tempo, foi um dos primeiros países a abandonar tais práticas com tanta convicção, imprimindo uma reversão na conduta da política econômica sem precedentes na história inglesa. É dentro do contexto de instabilidade e incerteza dos anos setenta que emerge o pensamento conservador e quem melhor representou o amálgama de idéias foi Sra. Thatcher, política convicta e inflexível nas suas propostas. Ao lado de R. Reagan nos EEUU, desafiou políticos e economistas numa espécie de “ experimento controlado ” do ideal monetarista nos primeiros anos de governo, seguido de uma orientação *supply-side* em anos posteriores.

O trabalho de monografia pretendeu sinalizar, inicialmente, o “ consenso keynesiano ”, apontando suas principais características no contexto mundial. Em seguida identificaram-se alguns traços marcantes da política governamental Trabalhista que antecede a eleição de

1979. Pretendeu-se, ainda, a partir de M. Kalecki, discutir “ Os aspectos Políticos do Pleno Emprego ” nos trinta anos que sucedem o pós-guerra , tema que mereceu atenção especialmente devido a sua atualidade. O capítulo II pretende, de início, destacar alguns aspectos relevantes da política econômica thatcherista, salientando seu componente notadamente monetarista; partiu-se então para uma reconstituição do primeiro governo, época em que efetivamente vigorou as práticas ditas monetaristas. Uma passagem necessária apontará os elementos de crítica pós-keynesiana ao experimento. Finalmente, discutir-se-á o “ Legado Thatcher ”, onde a preocupação foi a análise da tendência ao declínio estrutural de longo prazo da economia inglesa. Um capítulo a parte fará uma análise do discurso com base na vertente analítica(francesa) de M. Pechêux a partir do enunciado de campanha “ *The lady's not for turning* ”.

Espero nas próximas páginas exibir o desconforto com a “ guerra das idéias ” travada pela própria Primeira Ministra e cuja polêmica persiste ainda hoje nos meios onde a discussão da Economia faz-se presente com relevância. Eis uma ciência essencialmente controversa e ideológica. E, nas palavras de Althusser:

“ Na ideologia, a relação real é investida inevitavelmente pela relação que antes exprime uma vontade(conservadora, conformista, reformista ou revolucionária), ou mesmo uma esperança ou uma nostalgia, do que descreve uma realidade. ”

I. O FIM DE UM CONSENSO

1.1. O CONSENSO KEYNESIANO

A história da política econômica no pós-guerra pode ser definida como o desenvolvimento e consolidação de um padrão de conduta relativamente consensual para as nações e governos ocidentais, como destaca a literatura em geral sobre o tema, até o seu colapso nos finais dos anos setenta¹. No ano de 1945, o governo trabalhista inglês eleito está comprometido com a nacionalização de instituições e setores estratégicos na economia, com a implantação de um programa de bem-estar social e com a perseguição da meta do pleno emprego por intermédio do dirigismo estatal. Este último aspecto revela o caráter “keynesiano” implícito no programa, enfatizando a administração da demanda como meio de manter níveis de emprego estáveis, nos termos do *White Paper of Employment Policy* de 1944. Essencialmente, propunha-se atenuar os efeitos das flutuações endógenas na economia provocadas pela insuficiência de demanda efetiva e instabilidade do sistema capitalista². Em paralelo à política fiscal expansionista, a política monetária deveria acomodar o nível de gastos por intermédio de uma taxa reduzida de juros, ao mesmo tempo em que se revivia a posição de Londres como centro financeiro internacional. O financiamento da expansão econômica deveria ser efetuado a custos baixos, evitando assim uma explosão da dívida mobiliária pública. Como destacado no *Committee on the Working of the Monetary System*, a política monetária deveria ter “um papel subordinado na gestão da economia inglesa”. Do mesmo modo, a manutenção de uma libra forte era um objetivo perseguido pela política cambial, ainda que as desvalorizações fossem um instrumento importante ao assegurar a competitividade das exportações britânicas.

Do ponto de vista da eficácia das políticas, são vários os autores que discutem as chamadas políticas keynesianas. Segundo Miranda(1992), o enfoque da síntese-neoclássica,

¹ Como afirmou Miranda(1992), o ecletismo das leituras feitas sobre a obra de Keynes permitiram conclusões diversas sobre o papel da política econômica, a título de exemplo: a hegemonia da política fiscal, a irrelevância da política monetária até a primazia da política monetária e compatibilização da gestão ortodoxa da moeda com intervenções fiscais de curto prazo. Miranda, numa abordagem alternativa, discorda sobre a existência do consenso.

² As idéias de Keynes quanto à execução da política econômica já apareciam no Orçamento de 1941, quando se optou por elevar a tributação para diminuir o nível da demanda agregada em virtude do nível elevado de consumo observado na guerra. A taxa de desconto, por sua vez, manteve-se a níveis reduzidos, propiciando o financiamento dos gastos de guerra.

representante majoritário do pensamento keynesiano ³, não explora significativamente a ligação câmbio(fixo nas regras de *Bretton Woods*) e juros: no caso, o crescimento real por meio de uma política keynesiana resultaria numa deterioração do Balanço de Pagamentos. Desta forma, os objetivos de equilíbrio interno e externo entrariam em conflito, algo solucionável apenas com a flexibilização do câmbio. No caso de ausência de mobilidade de capitais, as políticas fiscal e monetária teriam certamente sua eficácia diminuída. Na situação de perfeita mobilidade de capital, a política fiscal era a mais eficaz .

O período relativo ao que se definiu como o de um “ consenso keynesiano ” sinaliza um momento de crescimento sustentado e coesão social antes nunca observado no cenário europeu, conhecido como a “ idade do ouro ” do capitalismo, à medida em que se observa o comportamento favorável das taxas de investimento e produtividade. A ordem mundial constituída(a chamada *Pax Americana*), como era definida pelos políticos norte-americanos, era “ encabeçada pelos Estados Unidos, complementada por políticas domésticas keynesianas e fundada no liberalismo e multilateralismo comercial de Bretton Woods ” ⁴.

O Governo era auxiliado por “ instituições tripartites ” dando força ao movimento de coordenação política junto aos diversos segmentos sociais. Em geral, este tipo de ordenação era composta por representantes dos empregadores e sindicatos nos diversos setores da economia, permitindo um espaço amplo de concertação e acordo social, tendo em vista a arbitragem estatal(responsável pela tutela e aprovação dos conflitos)⁵; a institucionalização deste movimento ficou conhecido como “ corporativismo ”, fenômeno observado principalmente nos capitalismo emergentes. O chamado “ Estado de Bem-Estar keynesiano ” remetia-nos a uma visão de sociedade que envolvia o esforço do governo em harmonizar interesses dispersos e regular politicamente a economia de mercado. Haveria portanto um capitalismo “ melhor administrado, com limites impostos à iniciativa privada, especialmente quanto à livre alocação de recursos ”, nos termos de Krieger(1986). Através

³ Segundo o modelo, a política monetária expansiva diminuiria a taxa de juros, estimularia o investimento e acentuaria a deterioração da balança comercial.

⁴ Krieger, J., “ Reagan, Thatcher and the Politics of Decline “, Oxford Univ. Press, 1986, pgs 18-19.

⁵ No caso do setor industrial, argumentam alguns autores que o sistema como tal tendia a perpetuar, e não a eliminar, a tendência ao declínio estrutural de longo prazo observado.

de acordos coletivos, era possível efetuar barganhas salariais através de um consenso entre as partes ou ainda se interferir no padrão de vida dos trabalhadores, por intermédio de garantias sociais adquiridas. No entanto, desde cedo, observou-se uma forte oposição de certos segmentos industriais às restrições impostas pelo programa regulacionista iniciado com o governo trabalhista. Tal foco de resistência perpetuou ao longo dos vários governos e seu ideal esteve presente em diversas situações conjunturais. A emergência de antagonistas ao “ consenso “(*post-war settlement*) esteve presente principalmente em períodos recessivos.

No ano de 1951, quando assumiria um governo conservador que iria permanecer treze anos, o governo dá continuidade à essência do programa trabalhista, com a utilização dos déficits fiscais para estimular o consumo e o investimento como meio de garantir o pleno emprego à medida em que a economia estivesse beirando uma recessão. Uma mudança significativa ocorreu no que diz respeito à gestão da política monetária, à medida em que foram abolidas restrições ao crédito e o congelamento dos juros, favorecendo e realocando a praça londrina como centro financeiro europeu. Apesar das diferenças ideológicas próprias a cada partido(Conservador ou Trabalhista), a tônica e o compromisso com “ Bem-Estar ” parece ter orientado politicamente os governos que se sucederam ao longo dos trinta anos de “ consenso keynesiano ”⁶.

Desde logo, a política fiscal deficitária já apresentava alguns pontos de estrangulamentos significativos, como é o caso da restrição no Balanço de Pagamentos gerada pela política expansionista, algo patente numa economia aberta aos fluxos comerciais e financeiros internacionais como a inglesa. Na verdade, uma vez instauradas políticas expansionistas com vistas à eliminação do desemprego, isto implicava em efeitos negativos sobre o setor externo(como a insuficiência de reservas cambiais) e a conseqüente crise na libra esterlina. Por sua vez, o governo revertia a orientação inicial, aplicando uma política deflacionária como resposta à pressão externa, num movimento de *stop-go*, como ficou caracterizado os anos setenta. Do mesmo modo, devido ao declínio da atividade econômica

⁶ Em Entrevista à Revista Veja(março de 1994), Thatcher afirmou, em oposição a literatura sobre o tema, “ nunca houve, no pós-guerra, distância tão grande entre os principais partidos americanos como a que havia entre os partidos ingleses ”.

⁷, a recessão e o fenômeno conhecido como estagflação, instaura-se um período de divergências e conflitos sociais, questionando-se as práticas até então vistas como consensuais, críticas estas oriundas principalmente da resistência liberal e seus desdobramentos. A recessão de 1973 advinda da crise do petróleo exacerbou os conflitos distributivos e forçou o governo a favorecer setores sociais específicos, algo que acentuou a oposição favorecendo o eclipse do regime até então em vigor. Através da institucionalização do poder de determinados interesses (por intermédio do corporativismo), como por exemplo o poder dos sindicatos organizados, em geral há uma forte resistência daqueles que não participam eventualmente do processo. O pensamento identificado com a elite pró-capitalista, em oposição aos programas distributivistas e universalistas keynesianos, “ transcendendo o compromisso entre capital e trabalho ”, enfatizam o “ livre-mercado ” e o equilíbrio por ele sustentado. Especificamente o monetarismo, combinado a uma doutrina anti-intervencionista, teve grande respaldo na Inglaterra, e sua ideologia foi a bandeira de um governo durante os anos oitenta. Como destacou Krieger(1986), as políticas que emergem numa época de instabilidade e declínio da atividade econômica, caracterizadas por representarem interesses particularistas e seccionais, são caracterizadas como “ políticas de declínio ”. Foi assim caracterizada a política econômica inglesa originada em 1979.

Um outro aspecto relativo ao eclipse do *Welfare State* diz respeito à crescente independização do Executivo, e aqui pode-se argumentar que durante o “ consenso ” havia uma coesão de interesses e uma coordenação de políticas com o objetivo último de atingir o pleno emprego. O movimento liberal, em especial a vertente que norteará Sra. Thatcher em seu experimento, à medida em que prioriza o combate à inflação, abre espaço para a discussão em torno de um Banco Central independente do Executivo. A independência dos bancos centrais refere-se à autonomia decisória destas instituições no empreendimento de operações monetárias consonantes com objetivos previamente estabelecidos. Isto implica uma independência política do executivo, seja qual for a orientação ideológica do governo⁸. Desta forma, poderia o Banco da Inglaterra decidir acerca dos diversos instrumentos de política monetária(desde colocação de títulos públicos no mercado aberto, assim como o

⁷ Entendido aqui como a derrocada de um padrão de crescimento sustentado, ao depararmos com um período de forte instabilidade econômica.

⁸ Em geral, a diretoria central de um banco é insubstituível no transcorrer dos diversos governos.

direcionamento do crédito para setores específicos), sem que fosse percebida a influência do governo, como por exemplo na execução orçamentária do Tesouro. Por sua vez, deve haver legitimidade eleitoral e política, para que se sustentem tanto as posições quanto as suas ações. A adoção de uma política monetária estrita depende de agentes econômicos que interpretem a inflação como um fenômeno exclusivamente monetário. No período referente ao consenso keynesiano, em virtude da coordenação política interna, o direcionamento das decisões monetárias estiveram vinculados com os objetivos do governo. À medida em que o referencial de política econômica entrou em colapso, a discussão em torno de um Banco Central independente voltou à tona, principalmente com a emergência da vertente monetarista, cujo programa valorizava o combate único e exclusivo da inflação através de um controle monetário estrito. Como salientou C. Goordhart⁹, “ a relação entre países cuja prioridade no combate à inflação é alta e a independência do banco central é um fato facilmente observável, no entanto o sucesso destas políticas é algo bastante discutível ”. No caso inglês, como será abordado posteriormente, há uma coordenação a nível da política econômica quando se inicia o experimento Thatcher. Desta forma, Tesouro e Banco Central perseguem objetivos semelhantes e para isso se utilizam de instrumentos convergentes quanto aos efeitos sobre a economia. A coesão política dentro do Governo favorece a defesa e manutenção de práticas consensuais, no caso meios adequados ao combate à inflação.

A implementação da Política Monetária

Os anos finais da década de sessenta correspondem a um momento de grandes mudanças nas condições monetárias nos diversos países. As mudanças observadas ocorrem tanto do ponto de vista dos diferentes objetivos da política monetária: como a orientação para o combate à inflação, em oposição a uma política acomodaticia (em aliança à política fiscal expansiva com o objetivo de reduzir o desemprego); às teorias monetárias propriamente ditas: como o enfoque numa política de controle de agregados em detrimento de uma política de juros efetiva; os instrumentos utilizados: desde a operacionalidade do

⁹ Entrevista com Prof. Charles Goodhart realizada na revista Conjuntura, num.11, nov. 1993.

mercado aberto, regulamentações oficiais ou transações oficiais no mercado monetário. O objetivo da política monetária, como definiu Tew(Matthews e Sargent - 1983), era o de “ influenciar o comportamento dos agentes nos mercados de bens e serviços ”.

Tanto do ponto de vista interno(inflação e desemprego), como externo(ao influenciar a conta capital do Balanço de Pagamentos), houve uma descontinuidade quanto aos objetivos finais da política monetária, quando se iniciam os anos setenta. Até então, a política monetária havia priorizado o pleno emprego em detrimento da inflação, que era combatida por meio de controle dos preços ou políticas de renda. Além disso, com a evidência de crises sucessivas na libra esterlina, a estabilidade do câmbio passou a ser perseguida pela política monetária.

Através de operações realizadas no setor bancário, o governo buscou alcançar seus objetivos finais por intermédio de: empréstimos para o público em geral e setores específicos, cujas diretrizes aparecem no *Competition and Credit Control* de 1971; controle da quantidade total de ativos, e neste sentido o agregado foi sempre tomado no seu aspecto mais amplo; orientando-se para a expansão do crédito doméstico(DCE). Do ponto de vista do ativo bancário(*assets*, especificamente os empréstimos públicos e privados¹⁰), acredita-se que a política monetária poderá afetar a demanda por crédito, e no caso das *liabilities* ou passivos (depósitos, ativos financeiros), acredita-se num controle da oferta monetária. Em relação à política de empréstimos, o montante definido como “ automático “ ou a administração da dívida pública parece de grande relevância dentro da operacionalidade da política monetária.

¹⁰ Em relação ao crédito público, o principal instrumento foi a operação de títulos da dívida pública no mercado aberto(venda de *gilt-edged*), enquanto que o crédito privado (“discricionário “, segundo Tew(Matthews e Sargent - 1983) foi controlado por meio de restrições voluntárias(como a *corset*, limite voluntário de crédito).

I.2 - POLÍTICAS ECONÔMICAS DO GOVERNO TRABALHISTA(1974-79)

A política expansionista conduzida pelo governo Conservador Heath no período anterior a 1974 levou ao crescimento do produto real e declínio do desemprego no chamado *Barber boom*, ao mesmo tempo em que a conta corrente do Balanço de pagamentos apresentou um déficit significativo. O conflito entre equilíbrio interno e externo teria levado os governos a adotarem políticas de cunho *stop-go* com períodos sucessivos de expansão e reversão da política econômica. Desta forma, as políticas keynesianas de administração da demanda não se revelavam eficientes o suficiente para solucionar o problema do desemprego, sem que houvesse restrições no Balanço de pagamentos. Ao mesmo tempo, em virtude das pressões advindas do choque do petróleo de 1973 e da elevação dos preços das *commodities* em geral, a inflação apresentou níveis crescentes e inéditos, quando comparado ao período anterior¹. A conjuntura de crescimento, pleno emprego e índices baixos de inflação que vigorara até fins dos anos sessenta cedia lugar a um período de instabilidade com a derrocada do sistema de paridades fixas de *Bretton Woods* e a intensificação dos conflitos entre capital e trabalho. Iniciava-se um período de “ estagflação ”, fenômeno de persistência do desemprego com níveis elevados de inflação, algo inusitado para os parâmetros da Curva de *Phillips*. Por sua vez, a estrutura tripartite montada sob a égide do *Welfare State* entrava em fase de declínio e a idéia do consenso keynesiano perdia fôlego diante da conjuntura de instabilidade. O corporativismo dos sindicatos trabalhadores foi gradativamente sendo ameaçado por medidas e legislações limitando o escopo de ação da classe trabalhadora organizada.

Ao assumir o gabinete em 1974, o Governo Trabalhista manifestava oposição às políticas de *stop-go*, priorizando entre outras coisas, a aplicação de uma política de rendas com o intuito de eliminar a inflação e o estrangulamento externo. Através da “ Estratégia Econômica Alternativa ”, o novo Governo lançava suas diretrizes principais para os anos

¹ A visão “ keynesiana ” predominante atribuía a inflação às pressões por maiores salários, além do choque externo de preços. O receituário adotado seriam as políticas de renda em paralelo a uma política fiscal restritiva, com flexibilização da taxa de câmbio como meio de enfrentar o déficit comercial.

seguintes. A nível da retórica, em primeiro lugar enfatizava-se o investimento massivo do setor público com o objetivo de se retomar o pleno emprego, cujo financiamento seria efetuado utilizando-se das receitas advindas da própria expansão. Deveria haver limites à importação de produtos e aos movimentos de capital e, em última instância, uma política rígida de controle de preços. Haveria extenso planejamento e expansão da atividade industrial estatal, além de acordos tripartites de cooperação. Como foi observado nos anos seguintes, a efetivação da política econômica no Governo Trabalhista não acompanhou de maneira consonante com as propostas inicialmente apresentadas.

O Governo herdara da gestão anterior um PSBR fora do controle, associado à expansão monetária e à inflação. Já em 1972, o Governo conservador havia considerado parte considerável da expansão do agregado monetário devida ao crescimento do PSBR, e por isso acabou adotando uma política deliberada de elevação da carga tributária e dos preços praticados pelo setor público². Seguindo o receituário anterior a 1974, adotou-se uma estratégia de médio prazo visando atenuar o declínio relativo da economia inglesa (quando comparado ao resto mundo) e para isso enfrentou-se a questão do peso crescente do PSBR. Uma das medidas, a diminuição do controle sobre os preços(que iria contra as metas iniciais de governo), e redução na taxa direta, objetivavam deslocar recursos do consumo público e privado para o investimento e as exportações, fundamentais na retomada do crescimento. Isto seria efetuado com a progressiva redução dos impostos corporativos e elevação dos impostos indiretos incidentes sobre os bens de consumo, além de uma série de medidas de incentivo às exportações.

Na Tabela que se segue podemos acompanhar a evolução dos gastos governamentais em proporção ao nível de gasto geral na economia., tanto para o período anterior ao governo Trabalhista, como para o período em estudo neste item. É curioso observar o crescimento relativo do gasto público observado nos anos em que se pretendia efetuar um corte ou ao menos uma redução no patamar do PSBR.

² Em virtude dos efeitos inflacionários de um déficit público fora do controle, a necessidade de restaurar confiança no capital e o objetivo de reduzir a expansão monetária.

Tabela LII.a - COMPOSIÇÃO E CRESCIMENTO DO GASTO GOVERNAMENTAL

	GASTO GOV.(% GASTO TOTAL)	INVEST.(% GASTO GOV.)	CONSUMO(IDEM)
1955-64	35	10.2	47.6
1965-69	39.8	11.8	43.4
1970	41.2	11.9	42.9
1971	41.7	11.2	43.5
1972	41.6	10.6	44.2
1973	41	12.2	43.7
1974	45.1	11.4	42.4
1975	49	9.8	44.5
1976	47.1	9.4	45.6
1977	44.2	8	47
1978	45	6.5	43.4

Fonte: Central Statistics Office and Economic Trends, sept. 1979.

Em 1975, o Governo havia falhado em suas metas de reduzir a taxa de inflação, atenuar o declínio na lucratividade e utilização de capacidade das empresas. Ao anunciar a quarta versão do Orçamento de 1975, o Governo Healey afirmava “ ser impossível sustentar uma melhoria no Balanço de Pagamentos com um déficit público persistente ”. Nos anos de 1976/77, são estabelecidos “ tetos “(limites) para as despesas vinculadas ao Bem-Estar(entre outras, gastos com seguridade e benefício dos desempregados). O compromisso com o pleno emprego seria, pois, sacrificado para a viabilidade do sistema.

Do ponto de vista geral, observando-se o comportamento do gasto público nos anos setenta, pode-se indicar uma mudança qualitativa importante nos seus componentes, especialmente quanto à redução marcada do gasto social em detrimento das outras despesas. A inflexão ocorrida no gasto público foi identificada como um meio de reestruturação do capitalismo inglês, direcionando as despesas para apoio ao capital privado em virtude da crise econômica internacional. No caso do componente social dos gastos, além da redução de seu escopo, buscava-se ajustá-los às novas necessidades do mercado de trabalho, como foi o caso dos gastos com educação, além da busca de maior eficiência nos serviços sociais.

Mesmo assim, em virtude dos períodos de recessão vivenciados pela economia inglesa nos anos setenta, os gastos com seguridade sofreram uma elevação significativa(fenômeno do déficit cíclico) e novas demandas sociais advindas do próprio funcionamento do sistema foram surgindo pressionando o componente social dos gastos. Do mesmo modo, pode-se afirmar que os cortes efetuados no gasto público foram prejudiciais ao setor privado, em virtude dos efeitos oriundos da recessão. Mais precisamente, as empresas teriam de enfrentar a disparidade entre produção e realização, típico dos períodos de crise e demanda insuficiente³, e a redução do gasto público só iria acentuar este movimento.

Até 1973, a política monetária inglesa tinha na taxa de juros o principal instrumento de controle do agregado amplo, e este era o espírito da filosofia contida no *Competition and Credit Control* instituído em 1971. Nos termos do *Bank of England Quarterly Bulletin*, “temos em mente um sistema onde a alocação do crédito é primariamente determinada por seu custo, e este é o meio pelo qual alcançamos nossos objetivos ”⁴. No início de 1974, começa a vigorar um mecanismo distinto do anterior(a *corset* ou encaixe compulsório), instrumento que penalizava a expansão do agregado bancário, uma vez que este excedesse um limite estabelecido pelo Governo. Em 1976, eram adotadas estratégias de médio prazo para reduzir o ritmo de expansão do agregado LM3, que seria mais tarde um dos instrumentos prioritários do Governo Thatcher. Por sua vez, havia a pressão internacional exercida pelo FMI(através das *Letters of Intent*) no mesmo ano, exigindo equilíbrio no Balanço de Pagamentos inglês, tendo para isso ditado regras de cunho notadamente monetarista⁵. Isto levaria alguns autores a definirem o Governo trabalhista como “monetarista convertido”, à medida em que enfatizava pontos em comum com a filosofia monetarista. Argumenta-se que este Governo teria abandonado o controle discricionário até então adotado, partindo para mecanismos rígidos de combate à inflação. Os fatores que teriam contribuído para a adoção de práticas alternativas seriam, em primeiro lugar, o objetivo de resgatar confiança na tradicional comunidade financeira inglesa (a *City londrina*). O controle do agregado monetário(especialmente o crédito doméstico - DCE) era

³ Argumenta a visão keynesiana que a redução no gasto público seja algo danoso à acumulação capitalista e aos interesses de curto e longo prazo do capital.

⁴ *Bank of England Quarterly Bulletin*, 1971.

⁵ A Inglaterra havia centrado um acordo com o FMI com a promessa de reduzir seu déficit na conta capital, tendo para isso recebido uma série de recursos tipo *stand-by*.

entendido como condição necessária, mas não suficiente para o controle da inflação, e para isso o governo utilizou-se tanto da política monetária como foi também auxiliado pela política fiscal.

A estratégia política adotada nos últimos anos de governo mostrou relativo sucesso, seja: o crescimento do produto real, superávit na conta capital e redução geral nos impostos. No entanto, a pressão social diante dos níveis elevados e persistentes de desemprego parecia ser algo insustentável. O auge das disputas e conflitos sociais já no fim do governo trabalhista ficou mais conhecido como o *Winter of Discontent* de 1978-79; a persistência de altos índices de inflação com o agregado LM3 e o PSBR fora de controle levaria à emergência e legitimação da oposição conservadora eleita em 1979.

Tabela L2.b - EXPANSÃO MONETÁRIA, TAXAS DE JUROS E CRESCIMENTO DO P.I.B.

	VARIACÃO NOMINAL LM3	TAXA DE JUROS		VAR. P.I.B.
		MLR(1)	TR.BILL(2)	
1970	6.3	7	6.93	9.8
1971	11	5	4.46	24.1
1972	13.9	9	8.48	10.8
1973	12.4	13	12.82	15.2
1974	0.3	11.5	11.3	13.7
1975	15.2	11.25	10.93	26.1
1976	15.3	14.25	13.98	19.2
1977	10.8	7	6.39	15.3
1978	22.1	12.5	11.91	15

Fonte: Central Statistics Office. *Economic Trends*, 1984.

(1) Minimum Lending Rate

(2) Treasury Bill

Observamos que o Governo Trabalhista anterior a gestão Thatcher apresentou muitos pontos em comum com a filosofia conservadora. O que certamente diferenciou os

dois programas foi a convicção e hegemonia monetarista no caso de Sra. Thatcher, que tendo adotado uma estratégia de política econômica no início de seu mandato, perseguiu-o até o seu fim. A adoção de medidas de cunho restritivo pelo Governo Trabalhista, como foi o caso da estratégia de médio prazo para o agregado monetário, e o ataque ao PSBR fora do controle antecipou em alguns anos aquilo que seria prioritário no governo Thatcher. Portanto, antes mesmo da eleição conservadora já se anunciavam medidas de cunho alternativo que viriam a reverter o consenso até então em vigor na economia inglesa, sinais claros da inflexão definitiva ocorrida em 1979. Isto nos leva a concluir que este mesmo ano não foi uma ruptura sem precedentes, mas que já havia anteriormente indícios de que esta viria mais cedo ou mais tarde ocorrer.

I.3. A GRÃ-BRETANHA E OS ASPECTOS POLÍTICOS DO PLENO EMPREGO

Após termos discutido o estilo de política econômica que vigorou no pós-guerra, caracterizado pelo amortecimento dos ciclos(caráter anti-cíclico) e uma significativa intervenção estatal na economia, trataremos dos “ aspectos políticos do pleno emprego “. A implementação de políticas macroeconômicas e, especialmente, as políticas keynesianas voltadas para o pleno emprego revelam um aspecto peculiar que transcende à esfera do receituário puramente técnico de política econômica. Trata-se do aspecto político inerente às políticas governamentais, que por sua vez imbuem um viés de natureza sócio-econômica ou político partidária nas decisões estratégicas ao nível do Estado. Não estou me referindo aqui ao programa de governo próprio a cada partido eleito no âmbito do governo, ou seja, às divergências quanto a enfoques e uso de instrumentos de política econômica, mas aos desvios entre as propostas de partido(retórica) e a *praxe*(efetivação) das mesmas. Deste modo, por força extra-governamental ou circunstancial, pode vir o governo a adotar posições além de seus objetivos, o que conforma uma situação aparentemente contraditória para o mesmo. O *bias*, que seria denominado por alguns autores de *ciclos políticos*, aparece com clareza em Kalecki(1977), ao discutir a influência do empresariado nas decisões governamentais de implementação do gasto fiscal e a situação de relativa insegurança da classe capitalista diante das políticas dirigidas para a preservação do pleno emprego. Da mesma forma, compete ao partido político líder do governo a escolha das políticas, que podem ser ou não consonantes com a meta do pleno emprego, conforme a sua relativa aprovação diante da opinião pública ou guiados por objetivos meramente eleitorais. Um outro aspecto aqui discutido será o de divergências no interior do próprio Estado, quando na verdade este não constitui uma entidade homogênea de interesses¹. Como exemplo, pode-se citar a divergência entre o Tesouro e o Banco Central quanto à condução da política econômica. Isto constitui um elemento relevante de influência sobre a trajetória de determinada política, podendo haver desvios significativos quanto à proposta original de governo. No caso estudado, a Grã-Bretanha, a alternância entre Partido Conservador e

¹ O conflito no interior do governo inglês é nítido quando se analisa o papel da autoridade central e os governos locais, especialmente no que diz respeito às políticas de gasto. Ver Borooah e Van Der Ploeg(1983).

Trabalhista exibe esta questão de maneira patente ao longo do período que se estende desde o pós-guerra, como será visto em seguida.

Ao observarmos o período compreendido entre os finais dos anos 60 e 70, a experiência revelou a proliferação das chamadas políticas de *stop-go*, caracterizadas por um período expansivo seguido de uma súbita retração a nível da política econômica. A economia inglesa, caracterizada por um elevado coeficiente de abertura externa e detentora de baixos índices de produtividade, passou por duas experiências semelhantes. De fato, o constrangimento no Balanço de Pagamentos, culminando nas crises da libra esterlina, acabaram por tirar o fôlego de qualquer tentativa expansiva do governo, de modo que a política orçamentária é revertida bem antes de sua concretização. Os objetivos de política econômica(ajuste externo ou interno), tornam-se pois conflitantes, e cabe ao governo a escolha prioritária dos mesmos. Na verdade, pode-se fazer uma associação entre os ciclos *stop-go* e o *ciclo político*, principalmente quando vinculamos os interesses políticos de determinado segmento social ou mesmo os interesses eleitorais do governo.

M. Kalecki(1977) discute a possível existência de um viés político-ideológico na condução de políticas econômicas no pós guerra. Em seu trabalho " Os aspectos políticos do pleno emprego ", destaca um eventual estado de confiança da classe capitalista e a pressão política exercida por empresários acêrca da manutenção do pleno emprego por intermédio do gasto governamental. Em geral, a oposição de líderes industriais ao déficit público é entendida como uma ojeriza ao intervencionismo estatal e, especificamente, a reprovação diante das mudanças sociais e políticas advindas da preservação do pleno emprego. Neste sentido, qualquer medida governamental que possa eventualmente abalar o estado de confiança dos empresários é vista como algo prejudicial à continuidade dos negócios. Além de deslocar o investimento privado, à medida em que o investimento público concorrer com o mesmo(efeito *crowding out*), o déficit governamental tende a conformar uma situação favorável à classe trabalhadora e, desta forma, provocar um ímpeto de oposição dos líderes empresariais a tais medidas ou uma situação de inconformismo generalizado. Kalecki

concluiria que o desemprego é parte integrante e inerente ao sistema capitalista moderno², e portanto qualquer medida que venha a alterar este quadro de instabilidade para uma situação de estabilidade tende a provocar resistência no interior da classe empresarial .

O trabalho de Kalecki dá margem à interpretação dos chamados *ciclos políticos da empresa privada*, desenvolvido por A.Bhaduri(1985). Em períodos de baixa atividade econômica, o governo procurará reduzir o desemprego utilizando-se de políticas fiscais expansivas; nos períodos de auge, buscará reduzir o déficit público(através de políticas fiscais ortodoxas), inclusive criando desemprego dado que a manutenção do pleno emprego destruiria a " disciplina do mercado " implícita nas economias capitalistas(por intermédio das demandas crescentes por maiores salários dentro da classe trabalhadora). Este último aspecto é referência direta aos "aspectos políticos do pleno emprego", situação de pressão político-social já apontada por Kalecki anos antes.

A constatação do *ciclo político* certamente deve partir de uma análise empírica das propostas de governo e os resultados observados ao longo de determinado período. Deste modo, uma terceira análise remete para os aspectos políticos propriamente ditos no âmbito do governo, ou seja, os desvios entre retórica e *praxe*, além das práticas circunstanciais de política econômica, conformando os chamados *ciclos políticos* . Com base nestes argumentos, foi possível delinear alguns estudos empíricos sobre o comportamento dos governos ingleses no pós-guerra. Borooah e Van Der Ploeg(1983) analisam a possível convergência entre a variação intertemporal entre os instrumentos de política econômica³ e o viés ideológico do governo, com a necessidade de adotar políticas de estabilização em determinadas circunstâncias, ou seja, identificam a existência de uma certa " dinâmica eleitoral ". A hipótese levantada por estes autores é de que existem dois estados possíveis no âmbito do governo, o de um " déficit de popularidade ", em que o mesmo buscará alterar

² Kalecki estaria implicitamente referindo-se ao conceito de exército industrial de reserva(superpopulação relativa) em Marx, situação em que uma massa de desempregados pressiona para baixo os salários do setor produtivo, num desequilíbrio constante entre oferta e demanda de trabalho.

³ Aqui considerados os de natureza fiscal: os gastos governamentais(gastos correntes, investimentos, transferências) e as receitas(total dos rendimentos advindos da taxaçaõ direta e indireta).

seus instrumentos de política econômica a fim de elevar sua legitimidade política e o de um "superávit de popularidade", caso em que é favorável à implementação da ideologia própria de seu partido. Em ambos os casos, o governo deve enfrentar a questão do déficit público e das restrições no balanço de pagamentos, questões cruciais para a via da estabilidade e do crescimento. Como exemplo já mencionado, as políticas de *stop-go* são ilustrativas neste ponto. Os autores observam o comportamento das políticas fiscais ao longo dos sucessivos governos ingleses(Trabalhistas e Conservadores), até concluírem que o "déficit de popularidade" teria levado os governos a adotarem políticas fiscais expansivas no intuito de melhorarem as chances de reeleição do partido. Por ser uma análise empírica, a observação omite algumas questões relevantes inerentes a este tipo de análise. Como salientam os autores, a constituição de uma teoria do ciclo político acaba por suprimir: a existência de possíveis estabilizadores automáticos(déficit cíclico), situação em que o gasto é ativado pelo declínio da atividade econômica; diferenças ideológicas entre os partidos ingleses, ou seja, o programa político próprio de cada partido; a urgência do gasto fiscal diante de crises conjunturais.

Inicialmente, parte-se da constatação de que o governo constitui um agente mediador e reconciliador de inúmeros interesses dispersos na sociedade. Este não é uma entidade homogênea de interesses, e desta forma, o conflito no seu interior exhibe uma primeira dificuldade na condução da política econômica. A identificação de um consenso, vista anteriormente, e o compromisso com as políticas de pleno emprego que foi a tônica até meados de setenta, revela uma certa convergência de interesses no interior do governo, ainda que possa haver divergência entre políticas monetária e fiscal quanto ao objetivo final. A observação remete diretamente para o conflito entre o Tesouro e os demais departamentos do governo, como o Banco da Inglaterra. Ao mesmo tempo em que o primeiro está primariamente preocupado com a situação das finanças públicas, o último estará envolvido com a administração dos ativos financeiros e com o mercado de câmbio. Do lado externo, o Banco poderá ser a favor da valorização do câmbio em detrimento das políticas de medidasvaloriações com a inflação(*pegged exchange rates*) pregadas pelo Tesouro. Do lado doméstico, o conflito é nítido na atenção dada pelo Banco ao PSBR(

eliminação ou redução das necessidades financeiras do setor público) concomitante às políticas fiscais expansivas do Tesouro.

No período que se estende entre os anos de 1964 a 1981, a Grã-bretanha passou por dois governos Conservadores(E. Heath e M. Thatcher) e dois Trabalhistas(Wilson e Callaghan), em períodos alternados. Durante o período, teve a maior parte dos agregados macroeconômicos deteriorados: níveis de emprego declinantes(a taxa de desemprego atingiu 2.5 % entre 1974-1975 e 11% em 1981); o crescimento do produto interno declinou para 1.1% nos anos setenta, tendo atingido 2.3% na década anterior; a inflação também teve um notável crescimento atingindo 26% em 1976. Durante o período, a economia britânica passou por diversos experimentos quanto às políticas fiscais e monetárias de controle da inflação.

Inicialmente, trataremos das questões relativas ao gasto fiscal, e até que ponto este contribuiu para o desempenho da economia britânica no período. Pode-se falar em dois efeitos inerentes ao gasto público. Um primeiro(“ efeito volume “) ocorre à medida em que a expansão do déficit público for superior ao do produto nacional; o “ efeito preço “ manifesta-se quando a valorização do gasto é maior do que dos demais preços na economia, e portanto uma parcela relativamente maior do P.I.B. nominal é ocupado pelo déficit público. Ao discutir a influência do gasto público, os autores destacam uma especificidade do caso inglês, que é a importância da divergência entre autoridades locais, responsáveis pela implementação dos programas de gasto, e o governo central, órgão responsável por sua formulação e divulgação. Tal aspecto é enfatizado na iminência do lançamento de programas governamentais, onde a resistência local é muito forte pondo em risco a popularidade do governo. Apesar desta especificidade, concentrar-nos-emos na análise dos gastos, distribuídos entre os seguintes componentes: despesas correntes em bens e serviços, despesas de capital e transferências.

Ao longo do período, nota-se uma certa constância nos gastos correntes, com um período de máxima expansão no governo Heath(Conservador) e mínimo no governo

Wilson(Trabalhista). De acordo com os autores, a relativa estabilidade deve-se, entre outros fatores, aos movimentos compensatórios no “ efeito preço “ e no “ efeito volume “. No caso do governo Heath, ainda que a intenção fosse de reduzir substancialmente os planos de gasto e proceder a um corte nos impostos, a prática revelou que o governo utilizou-se das políticas de gasto contra os níveis crescentes de desemprego. Por outro lado, seu antecessor Wilson, a despeito do discurso fiscalista e comprometido com a expansão econômica, foi conduzido a uma política deflacionária e restritiva com o objetivo de atenuar os estrangulamentos do Balanço de Pagamentos. Em ambos os casos, os autores apontam para desvios significativos da proposta original de política econômica, o que só poderia ser explicado em virtude das restrições eleitorais(*re-election constraints*). Da mesma forma, o governo Trabalhista entre 1974-1979, embora adotasse posições a favor do pleno emprego, viu-se forçado a perseguir políticas restritivas supervisionadas pelo FMI com o intuito de eliminar o déficit no Balanço de Pagamentos e afastar a iminência de uma crise na libra esterlina. Por sua vez, o governo Conservador instalado em 1979(Sra. Thatcher) é um caso atípico para esta análise: distingue-se dos demais antecessores por ter deslocado o enfoque prioritário do pleno emprego para o controle da inflação, e neste sentido, adota um estilo único e próprio na condução da política econômica, como será visto em itens posteriores.⁴

Tabela 13.2 - GASTOS CORRENTES DO GOVERNO(variação percentual acumulada nos mandatos governamentais)

	Wilson (1964-1970)	Heath (1970-1974)	Wilson/Callaghan (1974-1979)	Thatcher (1979-1981)
Despesas correntes governamentais	8.4	12.3	7.6	2.2
P.LB	13.6	11.8	7.7	-4.3

Fonte: *Economic Trends Annual Supplement, 1983.*

Ao examinar o componente de gastos sociais, os autores afirmam que estes são menos determinados pela tônica ideológica em cada governo eleito do que por fatores endógenos(

⁴ “ The lady is not for turning “ foi um slogan sempre presente ao longo de seu inflexível governo.

demandas sociais e crescimento demográfico), e portanto o crescimento marginal das despesas com seguridade advém de uma necessidade inerente à sociedade como um todo. Portanto, os desvios ideológicos observados tanto nas políticas de gasto corrente como nas transferências são menos evidentes no caso dos gastos sociais. Mesmo assim, é possível fazer uma analogia do crescimento das despesas e a proximidade das eleições, caso observarmos os meses que as precedem em comparação com o início de cada governo. Na tabela apresentada(I.3.b), vale a pena observar a diferença entre o último mês e os meses anteriores destacados para cada governo.

Tabela I.3.b - TAXA SEMANAL DOS BENEFÍCIOS SOCIAIS(libras a preços de 1975)

	Desemprego	Aposentadoria	Auxílios à família
WILSON			
Março 1964	8.31	13.76	0.99
Outubro 1967	9.65	16.11	0.86
Novembro 1969	9.67	16.07	1.74
HEATH			
Setembro 1971	9.98	16.49	1.49
Outubro 1973	10.17	17.43	1.24
Julho 1974	10.79	20.36	1.13
WILSON/CALLAGHAN			
Abril 1975	9.88	18.57	1.51
Novembro 1976	10.48	19.38	1.22
Novembro 1978	10.48	20.39	3.99
THATCHER			
Novembro 1979	10.50	21.04	4.54
Novembro 1981	9.89	21.04	4.62

Fonte: Annual Abstract of Statistics, sucessive issues.

Por sua vez, a análise dos gastos com capital, especificamente o investimento público, revela o aspecto anti-cíclico do mesmo, movendo-se em direção oposta ao investimento privado. Até o final do governo Heath, os investimentos públicos crescem a

Por sua vez, a análise dos gastos com capital, especificamente o investimento público, revela o aspecto anti-cíclico do mesmo, movendo-se em direção oposta ao investimento privado. Até o final do governo Heath, os investimentos públicos crescem a taxas elevadas; a partir de Wilson, a taxa de investimento público em proporção do P.I.B. inicia uma tendência declinante. Em relação a este tipo de gasto, pode-se dizer que está mais determinado pelo seu caráter anti-cíclico do que por fatores econômicos ou circunstanciais(como a possibilidade de reeleição). No governo Wilson(1964-1970), por exemplo, o investimento tem elevação significativa, apesar do superávit de popularidade deste governo e das considerações do Balanço de Pagamentos, enquanto que o governo Heath optou por cortar despesas desta natureza, mesmo diante do desemprego crescente e do “ déficit de popularidade “.

Tabela I.3.c CRESCIMENTO NO INVESTIMENTO DO GOVERNO(variação percentual acumulada nos mandatos governamentais)

	Wilson (1964-1970)	Heath (1970-1974)	Wilson/Callaghan (1974-1979)	Thatcher (1979-1981)
Investimento Público	30.2	5.8	-35.0	-37.0
P.I.B	13.6	11.8	7.7	-4.3

Fonte: National Incomes and Expenditures, edições sucessivas .

Em relação às transferências, o componente de benefícios e subsídios cresceu ao longo do período, como meio de redistribuir renda . Com exceção do governo Thatcher, que remeteu a segundo plano o segmento dos desempregados(algo que fica patente ao observarmos o declínio dos benefícios sociais em anos sucessivos), os demais governos mantiveram este tipo de gasto em determinado nível. Neste ponto, vale observar também a proporção conforme à proximidade das eleições.

A trajetória das receitas públicas na Grã-Bretanha revela uma mudança significativa da tributação direta para a tributação indireta. Há uma diferença importante no enfoque ideológico da tributação entre o Partido Conservador e o Partido Trabalhista no que diz respeito aos efeitos incentivadores ou desincentivadores para o trabalho do imposto de renda. Em geral, as políticas conservadoras foram caracterizadas pela redução do imposto direto e elevação compensatória nos impostos indiretos, enquanto que o Partido trabalhista é favorável ao imposto direto progressivo e a eliminação da regressividade da taxa indireta. Desta forma, discussões como o limite da ACT(*Advance Corporate Tax*), que diz respeito aos impostos pagos pela empresa capitalista é algo persistente ao longo dos sucessivos governos. Com a introdução do VAT(*Value Added Tax*)em 1973, o imposto indireto sobre bens e serviços inglês, pôde o governo contar com uma importante fonte de receita, embora houvesse divergências significativas na fixação de alíquotas nominais entre o governo Trabalhista e Conservador.

Tabela I.3.d - IMPOSTOS E TAXAS INGLESAS

	Imposto Renda Pessoal (1)	Imposto Corp.(2)	Imposto
Indiretos			
WILSON			
1964-1965	30.14	56.25	10-25
1969-1970	32.08	42.50	13.75-55
HEATH			
1970-1971	32.08	40.00	13.75-55
1973-1974	30.00	52.00	10
WILSON/CALLAGHAN			
1975-1976	35.00	52.00	8
1978-1979	33.00	52.00	8
THATCHER			
1980-1981	30.00	52.00	15
1982-1983	30.00	52.00	15

Fonte: *Annual Abstract of Statistics, 1983.*

- (1) Taxa Básica
- (2) Sobre Retenções
- (3) Taxa compra/ impostos sobre valor agregado

Uma outra referência diz respeito às políticas de renda , ou seja, destinadas a restringir preços e salários. Os sucessivos governantes ingleses, ora por força ideológica ou por necessidade econômica, foram muitas vezes impelidos a adotar políticas de renda em vários momentos até o advento do regime Conservador de 1979, quando efetivamente é descartado este tipo de política. Até então, havia a crença de que o setor privado era, por si só, incapaz de assegurar o crescimento econômico sem que houvesse problemas com a distribuição de renda(concentração). Tomando como base a análise de Kalecki, o compromisso com o pleno emprego e a distribuição de renda é por ora contestado por ameaçar a posição da classe capitalista. E de fato, as políticas adotadas priorizaram a proteção dos lucros, à medida em que era consensual a crença no papel dominante da empresa privada no capitalismo britânico.(ver Borooah e Der Ploeg). As políticas de renda adotadas seguiam o receituário de estabelecer normas para os preços e pagamentos, como por exemplo o recurso ao congelamento, principalmente como mecanismo de combate à inflação. Tal experimento foi verificado tanto em 1961(sob o governo Trabalhista), como no governo Conservador de 1972(congelamento de três meses). As políticas de renda foram ainda acordadas por intermédio do Contrato Social de 1974-75 e através de comitês voltados para a discussão de preços e salários.

Após examinarmos alguns aspectos da política econômica do período 1961-1981, pode-se concluir que as decisões a nível do governo estão sujeitas a influências político-sociais fortes e que, apesar de objetivarem um mesmo alvo, este não constitui uma entidade homogênea de interesses. Desta forma, as políticas do período identificadas dentro de um consenso(a perseguição do pleno emprego) apresentam certa convergência, ainda que haja desvios entre a prática e à tônica ideológica, provocados em sua maioria por fatores circunstanciais e forças extra-governamentais. Como será visto posteriormente, a entrada de Sra. Thatcher no governo rompe com o período anterior(priorizando o combate à inflação) e a originalidade de seu governo deve-se, entre outras coisas, à homogeneidade de interesses

dentro do governo(a existência de um programa praticado por várias esferas), a convergência entre política fiscal e monetária e o rompimento com instrumentos até então utilizados com afinc(o gasto fiscal e as políticas de renda) na perseguição dos objetivos de governo. Em itens posteriores(Uma Macro-Anatomia do Primeiro Governo Thatcher), será visto o comportamento das variáveis aqui mencionadas.

II. MONETARISMO NA INGLATERRA: TEORIA E PRÁTICA

II.1. ASPECTOS DA POLÍTICA ECONÔMICA NO PRIMEIRO GOVERNO THATCHER

Até o advento do regime conservador iniciado em 1979, predominavam as chamadas políticas keynesianas de ajuste, com ênfase na política fiscal e a utilização de políticas monetárias discricionárias de acomodação. Em geral, a manipulação de uma política fiscal expansiva, com vistas ao amortecimento de ciclos recessivos era acompanhada por níveis reduzidos de juros, num contexto de estabilidade e crescimento que foi o do pós-guerra. Por sua vez, a política monetária estava direcionada para a minimização da volatilidade dos juros, viabilizando um custo de financiamento reduzido para o Tesouro, engajado com elevados déficits fiscais. Especificamente nos anos setenta, a derrocada do sistema de Bretton Woods instaura um período de instabilidade quanto ao comportamento das variáveis juros e câmbio, estimulando políticas ativas, como foram os movimentos *stop-go* do período. Internamente, os países defrontam-se com conjunturas de estagflação, elevação simultânea dos preços e do nível de desemprego, anunciando a derrocada da relação macroeconômica convencionada na *Curva de Phillips*, que estabelecia um *trade-off* entre inflação e desemprego. O pragmatismo das políticas macroeconômicas, através das quais são realizados ajustes de curto prazo(os *fine tunings*), dentre os quais figuram as políticas de renda, são severamente questionados ao final da década de setenta. No caso da Inglaterra, diante de um cenário de efetiva deterioração estrutural de sua economia , com reflexos imediatos no desempenho industrial britânico, aliado às tentativas frustradas de pragmatismo nos anos setenta pelos sucessivos governos¹, emerge o pensamento conservador avesso a qualquer prática intervencionista e a influência desestabilizadora do governo. Os sucessivos esforços para recuperação da estabilidade iniciam-se em 1972, com o congelamento de preços e salários no governo conservador Heath seguido das tentativas de estabelecimento de um “contrato social” no governo trabalhista Callaghan (1975-1979)

¹ Nas vésperas de sua eleição, Sra. Thatcher afirma ter que se defrontar com uma “ inflação galopante, um setor público fora do controle e uma situação estrutural que estaria conduzindo a Inglaterra ao declínio de sua indústria e de sua competitividade mundial “. Ver Thatcher,M. “ The Downing Street years “, H.Collins Pub.,1993, pg38-39.

². Independente da tendência política inerente a cada governo, são ambos experimentos fracassados, abrindo espaço para a ascensão da “ Nova Direita “ inglesa e sua proposta original de política econômica.

Ao longo dos anos setenta, diante da conjuntura de instabilidade, a gestão de política econômica vai sendo questionada, de modo que em alguns países já se observam inflexões significativas nos finais da década. Como foi enfatizado por Goodhart(1989), seguindo os moldes de gestão de política econômica, a tendência mundial aponta para uma periodização. Ao longo do período, nota-se o gradual abandono do “ receituário fiscalista “ em detrimento a uma maior ênfase na política monetária, até então utilizada por meio de uma intervenção discricionária. Identifica-se um período de relativo consenso em torno das práticas keynesianas de ajuste até 1979, caracterizado por políticas fiscais ativas e políticas monetárias acomodáticas ; nesta fase, destaca inflexões menores, como as tentativas de estabilização propostas pelo FMI nos países avançados, expressas na concepção do ajuste monetário do Balanço de Pagamentos. Em seguida, há uma inflexão significativa em 1979, quando se inicia um período de experimentação do modelo monetarista até 1982(Estados Unidos e Inglaterra). O abandono de certos instrumentos em 1982 demarca o retorno ao pragmatismo até 1985, quando se retoma um maior controle no nível dos juros e câmbio mundiais. Finalmente, a coordenação de políticas a nível internacional no período que se segue, na tentativa de atenuar a ameaça de uma crise sistêmica.

A tônica monetarista característica da inflexão de 1979 diverge significativamente do ideário expresso no consenso keynesiano do pós-guerra alertando para os efeitos perversos da “ expulsão ” (fenômeno do *crowding out*) junto ao setor privado, desencorajando os investimentos, e as consequências de um setor público deficitário. Em geral, prioriza-se o combate à inflação, entendida como um fenômeno monetário, tentando eliminar focos de

² Sir K. Joseph, secretário de Estado do governo Heath, afirmou, em oposição às *income policies* “ A tentativa de realizar políticas de renda para combater uma inflação cuja origem está no excesso de oferta monetária é como tentar fazer parar um vazamento sem fechar a torneira principal: ao obstruirmos uma das saídas, certamente a água sairá por outros orifícios “. O CBI(*Confederation of British Industry*) evidenciou que, enquanto o controle de preços exerce um efeito mínimo sobre os níveis de inflação, este acaba por deteriorar a lucratividade e o investimento industrial. Ver Smith,D. , “ The Rise and Fall of Monetarism “, Penguin Books, 1991, pgs 72-74.

expansão da base monetária na economia. Ao assumir o gabinete em 1979 com sua proposta original de política econômica, a Sra. Thatcher, responsável por tornar o ideal monetarista em ideal político, contava com uma base social significativa, conformando um eleitorado(*constituency*) de apoio: o setor financeiro inglês, cujo interesse remetia para o estabelecimento de um ambiente favorável às transações financeiras; as classes médias conservadoras, uma camada de *blue-collars* de alta renda e ainda uma classe de *self-employed*(trabalhadores autônomos) emergente³. Um componente importante no balanço de poder foram as forças da *petit bourgeoisie* em substituição à influência cada vez menos significativa das tradicionais classes mais altas.

A estratégia da política econômica adotada em 1979 aponta uma convergência relevante entre política monetária e fiscal. Na Inglaterra, ao contrário do que ocorreu nos Estados Unidos, onde o Banco Central pode conduzir, independente de pressões políticas e à revelia do Tesouro, a política monetária, a formulação é definida conjuntamente. A coordenação destas políticas a nível das propostas de governo objetivavam e priorizavam o combate à inflação. O fenômeno inflacionário é entendido como algo prejudicial ao desenvolvimento capitalista, atuando como obstáculo à eficiência e produtividade na economia. Seus efeitos sobre a economia se fazem notar, entre outras coisas, no desestímulo aos projetos de investimento e na perda de competitividade das exportações . Além disso, acabam inibindo à classe capitalista no sentido de tomar riscos e criar oportunidades de emprego, cujos reflexos se fazem notar sobre o desempenho da economia inglesa . Parece haver uma superênfase no combate à inflação em detrimento das variáveis reais(renda e emprego), alvos perseguidos até então pelas políticas keynesianas⁴. O monetarismo exhibe duas vertentes(a “ Novo Clássica ” e a “ friedmaniana ”), tendo a Inglaterra adotado a concepção gradualista de Friedman⁵, em oposição ao ajuste instantâneo pregado pela primeira escola. Como argumentam os próprios monetaristas, os objetivos de política

³ Os *self-employed* representam uma mudança importante no setor de serviços e na sindicalização da população, à medida em que estes segmentos são pouco organizados a nível sindical.

⁴ Como afirmou Victoria Chick em seminário realizado na UNICAMP, Thatcher teria praticado uma “ política keynesiana às avessas ”.

⁵ Havia uma grande afinidade entre o programa Conservador inglês e o monetarismo pregado por M. Friedman, e este programa parece ter sido perseguido ao longo da década de setenta por seus defensores.

econômica e a escolha de seus alvos, através de uma melhor combinação de instrumentos, implica exclusão de outros objetivos. Ou seja, certamente a rota monetarista seguida envolveria resultados negativos no lado real(recessão e desemprego), o sacrifício social necessário ao ajuste ortodoxo. Desta forma há um nítido confronto entre os efeitos sobre o mundo real e o mundo ideal defendido pelos monetaristas. Num relatório do BIS(*Bank of International Settlements*), já se atentava para o fato da severa restrição monetária conduzir à deterioração da capacidade produtiva na economia. Friedman foi o responsável pelo resgate da teoria quantitativa da moeda, reformulando-a e propondo a existência de uma relação estável entre o nível de preços e os agregados monetários. Além disso, afirmou que o movimento do lado real da economia, determinado por progresso técnico, formação bruta de capital, entre outros fatores, não exhibe relação alguma com as variações no nível do agregado monetário no longo prazo, quando o impacto da política monetária é neutro sobre a atividade econômica. Para seguir o receituário monetarista, deveria o governo optar pelo estabelecimento de metas para o crescimento da oferta de moeda⁶, a partir do qual a economia ajusta-se a uma taxa natural de desemprego e crescimento de longo prazo, algo que está associado às expectativas racionais dos agentes.

A *rationale* thatcherista, ou o movimento que legitimou a política econômica de Sra. Thatcher, enfatiza uma série de aspectos que podem ser sintetizados na estabilização monetária, desregulação e privatização da economia e a reforma sindical. Segundo M.G.Rukstad(1992), a filosofia política de Sra. Thatcher privilegia, entre outras coisas:

a) No que tange à política monetária, como foi visto, enfatiza-se o controle monetário estrito, com vistas à quebra das expectativas inflacionárias e a restauração da confiança na moeda. Há uma mudança significativa no enfoque da política monetária e quanto à adequação de instrumentos(rejeitam-se instrumentos tradicionais como o encaixe compulsório ou a *corset*, limites especiais sobre as reservas bancárias). Este aspecto será melhor desenvolvido ao longo do trabalho.

⁶ Na verdade, como será visto, o resultado das metas para os agregados monetários não vão corresponder às reais intenções de governo.

b) Prega verdadeira ojeriza ao intervencionismo estatal, favorecendo à privatização de empresas públicas⁷ e corte de gastos governamentais, ou mais objetivamente a redução das necessidades de financiamento do setor público ou PSBR(*Public Sector Borrowing Requirement*). O discurso anti-Welfare State, que vigora no período, omite o fato do capitalismo ter trazido consigo uma série de inovações sociais a nível do Estado inerentes ao seu desenvolvimento, e portanto a manutenção de uma série de gastos estratégicos(ao nível das necessidades básicas de saúde, educação, etc) faz-se necessário, por uma questão tanto de sobrevivência do sistema como de legitimidade do governo(atenuando possíveis pressões sociais numa situação de inconformismo geral)⁸. Como foi destacado no capítulo I, os gastos sociais são insensíveis ao *ciclo político*, e portanto provém das necessidades da população. Além disso, há todo um movimento a favor do desmantelamento dos sindicatos. Objetiva-se atenuar focos de rigidez no mercado de trabalho, que por sua vez estimulam a resistência dos salários reais à medida em que os trabalhadores estipulam o preço da força de trabalho fora do mercado e além de sua produtividade natural.

c) Estímulos à produção capitalista e à poupança, nítido componente *supply-side economics* do programa conservador, com redução sistemática nos impostos diretos e uma mudança da estrutura de taxaço para uma estrutura indireta⁹, com o objetivo de estimular a poupança privada. Quanto a este último aspecto, vale indagar se esta não foi uma forma de manter intacto os gastos públicos expressos no PSBR, ou seja, contrabalancear a perda de receita nos impostos de renda com a elevação dos impostos indiretos.

d) No que se refere à política cambial, pode-se dizer que há uma anti-política e à medida em que o governo favorece a liberalização comercial e financeira(através da remoção dos *exchange controls*), a libra tende a flutuar de acordo com o mercado. Por sua vez, o comportamento do câmbio está intimamente conectado com a política monetária adotada e, tendo em vista a adoção de uma política de juros altos, consequência de uma

⁷ O argumento é de que a alocação eficiente dos recursos e a dinâmica natural dos mercados só é preservada com a presença do capital privado.

⁸ Pode-se supor a irreversibilidade de certos gastos, oriundos da consolidação do " fordismo " enquanto paradigma produtivo.

⁹ É interessante notar uma opção pela regressividade dos impostos, em detrimento da estrutura progressiva do imposto de renda que penaliza menos as camadas mais baixas da população atenuando o custo de vida.

política monetária restritiva, isto tende a provocar a valorização da libra e a atração de capital externo(este foi o cenário dos dois primeiros anos de governo), sendo portanto favorável ao setor financeiro constituído na *City* de Londres

Dentre os objetivos da política econômica, os aspectos inerentes à política monetária parecem de grande relevo. A experiência revelou que, tanto na escolha dos objetivos finais(*goal variables*) como na das variáveis intermediárias, o experimento Thatcher parece distinguir-se das práticas até então efetuadas. No que diz respeito às variáveis operacionais, ou os mecanismos de auxílio ao controle das variáveis intermediárias, a divergência é menor. O critério utilizado para diferenciar e avaliar os diferentes moldes de gestão da política monetária corresponde à análise das variáveis intermediárias, elemento decisivo a partir do qual se estabelecem os instrumentos para sua efetivação. Na Inglaterra, as taxas de juros têm desempenhado tradicionalmente o papel de variável intermediária no processo monetário de transmissão e os principais instrumentos de política monetária são as operações de mercado aberto e a taxa de redesconto bancária(a MLR ou *Minimum Lending Rate*). Em 1979, o enfoque desloca-se da manipulação das taxas de juros para o controle dos agregados monetários como meio de enfrentar a inflação, com o estabelecimento de uma estratégia de médio prazo para expansão do agregado monetário, ainda que as primeiras passem a desempenhar um importante papel como variável operacional(via redesconto bancário)¹⁰. A meta de médio prazo possui a peculiaridade de ser uma espécie de “ experimento controlado “, cuja base é a observação intertemporal do comportamento das variáveis em questão.

O **primeiro passo** para implementação de uma política monetária de controle dos agregados monetários(escolhido como variável intermediária) foi a definição apropriada dos mesmos, a partir do qual são estabelecidas metas para seu crescimento. Até 1979, houve algumas tentativas de controle dos agregados, como a instituição do *Competition and Credit Control* e mesmo através das Cartas de Intenção do FMI, onde se objetivava

¹⁰ Em 1979, um relatório do Banco da Inglaterra afirmava que “ pelo fato da taxa de juros constituir uma variável de difícil estabelecimento, ao imbuir expectativas variáveis dos agentes, torna-se difícil atingir metas de política monetária através dos juros nominais “. Ver Artis e Lewis, “ Monetary Control in the UK “, P.Allan Pub., 1981, pgs 40-41.

estimular a demanda por recursos externos(em detrimento do crédito interno) com o intuito de equilibrar o Balanço de Pagamentos. O agregado M1, por exemplo, corresponde a uma relação mais direta entre renda e moeda¹¹. O controle do DCE(crédito interno), por sua vez coexistiu com o LM3(terceiro item na escala de liquidez dos agregados) em 1979, mas foi em seguida abandonado como meta estratégica. Na verdade, segundo alguns autores, este agregado representa a principal fonte de pressão sobre a expansão monetária, à medida em que espelha a demanda por crédito na economia em função das necessidades inerentes do sistema(endogeneidade da moeda). A escolha do LM3, e portanto de um agregado amplo (*broad aggregate*) em oposição ao agregado restrito(*narrow aggregate*), como parte integrante da estratégia de médio prazo(*Medium Term Financial Strategy - MTFS*), composto por depósitos à vista públicos e privados, deduzidos das *gilt edged*(títulos da dívida pública) e adicionados aos fluxos externos líquidos, parece ter sido adequada por ser este o agregado mais relacionado com a inflação dos anos 70. Em 1977, já se advogava o estabelecimento de um plano financeiro estratégico de médio-prazo, onde figuraria a estimativa das receitas fiscais do governo, projeções de gastos públicos e necessidades financeiras do governo(PSBR); além disso, como objetivo principal a ser perseguido , a criação de metas para a expansão dos agregados monetários, crédito doméstico e reservas externas parecia algo de vital importância¹². É interessante notar que a LM3 incorpora uma defasagem de dois anos, à medida em que este agregado contém uma série de ativos de longo prazo nas carteiras dos bancos; no entanto, este parece ter sido o melhor indicador de como o sistema financeiro estava reagindo à política monetária. Por sua vez, este agregado equacionava as questões tanto de política fiscal(a dívida pública e as necessidades de financiamento do setor público) como de política cambial, através do controle dos fluxos de capital. O crescimento do LM3 ocorre quando o déficit do governo não é financiado pela venda de títulos públicos(“ *gilt-edged sales* “). Igualmente, através de aumento do empréstimo bancário(fato associado ao multiplicador) e pelo fluxo líquido de libras do exterior. Este último fator adquiriu grande importância, principalmente após o

¹¹ A interpretação do sentido de causalidade renda-moeda é tema polêmico, envolvendo monetaristas e pós-keynesianos.

¹² “ A utilização de uma adequada apresentação ajuda à obtenção de coerência e consistência quanto aos objetivos de política monetária e fiscal “. Ver Fforde, J. , “ The United Kingdom- Setting Monetary Objectives “ , In Meek(ed.), “ Papers Presented...”, May 1982., pg 52.

surgimento do mercado *off-shore*(Euromarket) .Desta forma, pode-se expressar a seguinte identidade:

PSBR - " gilt-edged sales " + elevacao nos depositos bancarios = Expansao do credito domestico(DCE) e DCE + fluxo externo líquido - " passivo não monetário " dos bancos = LM3

O principal foco de atenção da MTFs era a expansão do PSBR, fonte expressiva de pressão sobre o agregado monetário. Usualmente, um excesso de gastos públicos sobre as receitas é ora financiado por emissão monetária, venda de títulos no mercado secundário, empréstimos bancários ou recursos externos. A redução do PSBR ocasionaria a redução dos juros, e portanto atenuaria o efeito *crowding out* do setor público. No entanto, isto só seria possível caso o ciclo econômico favorecesse uma política fiscal restritiva(sem ativação dos estabilizadores automáticos) ou houvesse um comportamento estável nas expectativas dos agentes. A venda de *gilt-edged* constitui um dos principais alvos de política monetária naquele momento.

O **segundo passo** consistiu na escolha de um instrumento adequado aos objetivos de política monetária. De acordo com a tipologia feita por J.C.Chouriqui(1985), a Inglaterra adota a política monetária **tipo II**, cuja ênfase coloca-se no controle dos agregados pelos seus diversos componentes(contrapartidas bancárias) junto ao público em geral. Diretamente, o controle do excesso de moeda é feito com a redução do PSBR. Indiretamente, o governo afeta as decisões de composição do portfolio do setor privado tentando influir na demanda por crédito e ativos financeiros, vendendo *gilt sales* para o financiamento do setor público(" esterilizando " o PSBR) e reduzindo o montante de empréstimos bancários. No caso inglês, por intermédio de operações de crédito público(operações de mercado aberto no mercado secundário), tenta-se controlar a pressão financeira exercida pelo setor estatal. O instrumento utilizado foi a manipulação da MLR, a taxa de desconto inglesa, e este parece ter sido um instrumento adequado à gestão **tipo II**. Uma operação tradicional do Banco da Inglaterra era a venda superestimada de títulos públicos(segundo Goodhart(1989), este é o recurso ao *overfunding* em excesso do nível de

reservas bancárias, forçando às *discount houses* a recorrerem ao desconto, cujo caráter é punitivo). Ao priorizar este tipo de instrumento(redesconto), o governo inglês acaba por legitimar a tese de endogeneidade da moeda, à medida em que o mesmo tenta influenciar o comportamento dos agentes por meio da taxa de juros. O caso inglês ficou caracterizado por uma confluência de interesses a nível do governo, o que nos permite afirmar que existe uma identidade própria ao regime conservador¹³ quanto à formulação de políticas econômicas. Atuando sobre as contrapartidas bancárias, o governo inglês evita um conflito entre política monetária e fiscal, algo patente no caso norte-americano. Um outro instrumento de controle dos agregados era a *corset*(equivalente ao encaixe compulsório)¹⁴, em que o Banco Central influi diretamente sobre o nível de reservas bancárias, permitindo que as taxas de juros fluam de acordo com o mercado. A gestão **Tipo II**, portanto, prioriza as operações de mercado aberto utilizando-se do instrumento da janela de redesconto como meio de influenciar as taxas de curto prazo e encorajar modificações na estrutura das taxas de mercado. Desta forma, espera-se que o anúncio da MLR venha, em primeiro lugar, a impactar as expectativas do mercado sobre os juros de curto prazo e, finalmente, sinalizar as demais taxas de mercado.

A distinção básica entre o **Tipo II** e **Tipo I** está centrada na adequação dos instrumentos de política monetária e definição das contrapartidas contábeis dos agregados. No caso norte -americano, tendo em vista a suposta independência do Banco Central em direcionar a política monetária, a prioridade se concentra no controle da oferta de crédito, ou seja, uma relação estabelecida entre autoridades monetárias e bancos privados no intuito de regular a expansão do agregado monetário. Na tentativa de valorizar o dólar(no período que ficou conhecido como “ dólar forte “)e eliminar focos de pressão inflacionária, sinalizou-se um controle dos agregados por meio do redesconto(controlando as reservas

¹³ Como afirmou D. Laidler em 1985, “ a política fiscal tem sido dirigida, não através de metas independentes do Tesouro, mas com vistas aos requerimentos monetários, o que implica uma subordinação da política fiscal às políticas monetárias “. Ver Smith(1991). “ Sujeito à aprovação eleitoral e parlamentar, a política macroeconômica é decidida e gerida por um órgão executivo unificado, que inclui tanto o Banco da Inglaterra como o Tesouro(...)”. Ver Fforde, J. , “ The United Kingdom- Setting Monetary Objectives “ , In Meek(ed.)” Papers Presented...”, May 1982., pg 52.

¹⁴ A utilização da *corset* foi abandonada já em 1980. A *corset* favoreceu a desintermediação e o movimento das inovações financeiras.

emprestadas) em combinação ao *open market*(prioritário, visando o controle das reservas não emprestadas). Numa espécie de “ política monetária eclética “¹⁵, o Federal Reserve norte-americano utilizou-se ainda da FFR(*Federal Funds Rate*) até 1979, para o monitoramento do interbancário e um controle quantitativo do crédito bancário. A política **tipo I**, cujo objetivo principal é controle das reservas bancárias baseando-se na concepção do multiplicador, tendo em vista o caso norte-americano, representou, por sua vez, uma dissonância de políticas fiscal e monetária. Em muitas ocasiões, optou-se por uma política fiscal expansiva(gastos com armamentos, por exemplo), apesar do Banco Central praticar uma política monetária restritiva.

¹⁵ IESP, “ O Formato Institucional do Sistema Monetário e Financeiro: um estudo comparado “. Relatório Parcial Num. 2, pgs 48-49.

II.2 UMA MACRO-ANATOMIA DO PRIMEIRO GOVERNO CONSERVADOR(1979-1983)

O experimento original de política econômica implementado por Sra Thatcher, como foi salientado, enfatizou os meios para se atingir o objetivo de erradicar a inflação e garantir um crescimento sustentado. Em oposição ao compromisso com o pleno emprego dos governos anteriores, expresso nas linhas do *White Paper* de 1944 como “ o estabelecimento de um contrato social entre as diversas partes da sociedade “ , no regime conservador, as decisões de política econômica passam a ser unilaterais e não pactuadas. Por sua vez, a busca de objetivos últimos, ou as metas de crescimento da renda e do pleno emprego, são substituídos pela busca da estabilidade monetária. Para tanto, enfatizam-se as estratégias intermediárias: utilizaram-se as “ metas financeiras de médio prazo “ como instrumento prioritário, envolvendo a política monetária, em especial o controle do agregado LM3 e a política fiscal, através da redução do gasto público.

Pode-se argumentar que o perfil da política econômica inglesa revela uma inflexão significativa em 1985, já no segundo mandato, quando se abandonam as práticas monetaristas(controle da oferta monetária) , para uma maior ênfase no componente *supply-side* do programa conservador¹. Por sua vez, como observou Goodhart(1989), o ano de 1982 marca o retorno ao pragmatismo, quando o governo retoma o controle da variável juros de curto prazo, no intuito de influir ora no montante de empréstimos ao setor privado ou à venda de *gilt-edged* ao setor público. A prática do *overfunding* pôde ser observada a partir de então, momento em que as *gilt-edged* são negociadas numa magnitude além das necessidades financeiras do setor público.

Desde cedo, observou-se uma lacuna significativa entre as metas de governo e o comportamento real das diversas variáveis. Em linhas gerais, a performance da economia

¹ Pode-se identificar um confronto entre as metas monetárias e a utilização de instrumentos do *supply-side*, como por exemplo à meta de redução do PSBR em simultâneo à redução da taxa direta(aumento dos incentivos). Este último aspecto certamente contraria a hipótese de que, com a diminuição dos impostos diretos e com a conseqüente elevação dos incentivos à produção, aumentaria o nível de renda e com ela a arrecadação de tributos, diminuindo assim o déficit governamental.

inglesa nos primeiros anos demonstrou um declínio da atividade econômica, com reflexos sobre o nível de emprego e uma redução significativa das taxas de inflação, apesar dos sucessivos ganhos obtidos com o petróleo de Mar do Norte, fonte indiscutível de renda para a economia. Alguns autores, como Buitter e Miller(1983), defendem a idéia de uma depressão nos anos 80 ainda maior que a crise que sucedeu o *Crash* de 1929, com a diferença de que o nível real de renda, assim como o valor dos benefícios sociais é superior no primeiro caso em virtude da estrutura do *Welfare State* já consolidada em um país como a Inglaterra². Aliada à política recessiva doméstica, a economia inglesa enfrentou uma série de choques externos adversos, entre eles a queda do comércio manufatureiro mundial, além das elevadas taxas de juros praticadas pelos Estados Unidos e pela maioria dos países desenvolvidos, fatos que certamente contribuíram para aumentar a recessão e prejudicar os diversos indicadores macroeconômicos.

A Condução da Política Monetária

Através da MTFs, o governo inglês concentrou-se em metas restritivas de médio prazo para a expansão do agregado LM3 nos quatro anos que seguiram a eleição de 1979³. O anúncio prévio de progressiva redução da taxa de crescimento do LM3 fora estrategicamente planejado, no intuito de sinalizar expectativas de inflação declinante entre o público. De fato, de acordo com a concepção novo-clássica, a idéia de que a percepção da inflação tinha um componente expectacional(racional) e de que o governo poderia influenciar no comportamento dos agentes funcionou como pano de fundo para as metas financeiras pré-estabelecidas.

² Quando se comparam as estatísticas dos dois períodos, observa-se um desemprego em torno de 10% nos anos 80, bem superior aos 5% da década de 30; do mesmo modo, o índice que mede a produção manufatureira é maior nos anos 30(cerca de 10%), quando contrastado com os anos 80.

³ O anúncio das metas de crescimento para o LM3 foram assim estipuladas: 7-11% para 1980/81, 6-10% para 1981/82, 5-9% para 1982/83 e 4-8% para 1983/84.

Tabela IL2.a - MTFIS 1980

	1980-1	1981-2	1982-3	1983-4	1984-5
Metas para:					
LM3	7-11%	6-10%	5-9%	4-8 %	6-10%
PSBR(% P.L.B.)	3.75%	00%	2.25%	1.5%	2.25%

Fonte: *Financial Statement and Budget Report, March 1980.*

Desde 1979, com a abolição de todo e qualquer controle sobre o movimento de capitais⁴ (entre as medidas, a extinção da *corset*), o governo passou a utilizar a taxa de juros como instrumento intermediário para o sucesso das metas de médio prazo. A variável juros passou a ter crescente importância como arma no controle da liquidez, dadas as dificuldades de controle direto das variáveis monetárias em questão. Por meio da taxa de juros, o governo tentava influir no montante de ativos financeiros na mão do público, reduzindo o total disponível em moeda corrente, como ficou caracterizado a gestão de política monetária **Tipo II**. Ao adotar severas restrições monetárias(algo próximo a um tratamento de choque), afirma-se que o governo abandonou a proposta gradualista de combate à inflação implícita no pensamento friedmaniano e abrandou as expectativas inflacionárias de maneira abrupta⁵. Caso Sra Thatcher tivesse optado pela estratégia gradualista, o combate à inflação não teria sido tão bem sucedido, a despeito de uma recessão menos profunda. De fato, quando se observa o comportamento do agregado M0(mais estrito), pode-se concluir que a política monetária foi fortemente restritiva já no curto-prazo. Até 1983, acompanham-se taxas reais negativas de expansão da base monetária. O experimento Thatcher acabou se utilizando tanto das metas para os agregados monetários, como da taxa de juros para alcançar os objetivos de combate à inflação, conforme à circunstância. O governo acabou oscilando entre o controle rígido da oferta monetária e uma via mais discricionária por intermédio da taxa de juros.

⁴ O fim das restrições aumentaria a liberdade dos indivíduos e firmas(nacionais e estrangeiras), encorajando o investimento e a tomada de riscos pelo setor privado

⁵ O tratamento gradualista de Friedman foi apontado por Arestis(1984), ao fazer a distinção entre a proposta " instantânea " novo-clássica de combate à inflação em oposição à abordagem gradualista de M. Friedman.

Tabela IL2.b - TAXA DE JUROS E INFLAÇÃO(%)

	MLR inglesa	Tx desconto títulos Tesouro	RPI(1)
1979	17	15.84	19.8
1980:1	17	16.28	19.8
2	17	15.68	21
3	16	14.33	15.9
4	14	13.13	15.1
1981:1	12	11.53	12.6
2	12	11.88	11.33
3	14	15.12	11.4
4	14.5	14.62	12
1982:1	13	12.51	10.4
2	12.5	12.57	9.2
3	10.5	9.97	7.3
4	10.25	9.72	5.4
1983:1	10.5	10.23	4.6

Fonte: *National Institute Economic Review*, num. 103

(1) Retail Price Index(principal índice preços)

De fato, a expansão monetária deveu-se eminentemente à aceleração do agregado amplo: a experiência demonstrou uma tendência ao *overshooting* das metas estabelecidas(LM3) e sua expansão foi mais expressiva que o comportamento dos demais agregados, entre eles o próprio M0 ou o DCE(crédito doméstico interno) . Como observou J. Fforde⁶, uma série de fatores, entre eles o comportamento do setor privado no que diz respeito à composição de portfólio, o fluxo cíclico de fundos e as mudanças estruturais no sistema financeiro(fenômeno das inovações financeiras) deve ter contribuído para tal fenômeno. Uma vez que a oferta monetária é dirigida para o público(responsável por exercer uma pressão por crédito), a contrapartida contábil dos bancos só poderia ser controlada caso houvesse influência nas expectativas dos agentes. Como indicador da política monetária, a escolha da base monetária(M0 ou moeda mais depósitos bancários com o Banco da

⁶ J.S.Fforde, " Setting Monetary Objectives ", *Bank of England Quarterly Review*, vol. 23(June 1983), pg. 194-199.

Inglaterra), certamente seria um guia mais adequado no estabelecimento de metas para a expansão do agregado, como sugeriu Alan Walters, conselheiro do governo em 1981.

Desde o abandono da *corset* como instrumento de restrição monetária, o agregado LM3 obteve um crescimento expressivo. Em 1980, o Tesouro inglês juntamente com o Banco da Inglaterra anunciam que “ o principal método a ser utilizado no controle da oferta monetária na ausência da *corset* seria o nível dos juros e do PSBR ⁷. O controle da taxa de juros seria efetuado por meio de operações no mercado aberto, ao variar o nível da taxa de redesconto de curto prazo(MLR). Portanto, ainda que o governo estivesse concentrado nas metas para o LM3, a taxa de juros, em especial a MLR, parece ter sido o mecanismo indireto de efetivação dos objetivos da política monetária e neste sentido há uma priorização da forma discricionária de acomodação das variáveis chave. Um aumento da taxa de juros teria efeito tanto sobre o setor público não bancário como no montante de empréstimos ao setor privado. Desta forma, as autoridades monetárias acreditavam que, ao controlar a variável de curto prazo, afetariam, a demanda por crédito, quando na verdade esta revelou-se inelástica, isto é, pouco sensível à variabilidade dos juros⁸. Por sua vez, o esforço de controle monetário surtiu efeito sobre o fluxo de investimentos, no nível de renda e preços e, não menos importante, o impacto sobre a taxa de câmbio. Em relação a este último ponto, o governo teve de enfrentar um nítido *trade-off*: as consequências de se prender às metas intermediárias, deixando a taxa de juros e câmbio flutuarem pelo mercado, ou concentrar-se na estabilização do câmbio, sacrificando as metas domésticas⁹. Desde 1979 as taxas de redesconto tinham sido progressivamente elevadas no intuito de favorecer o sucesso das metas para o LM3 e para o PSBR, e isto parece ter sido um fator relevante no aprofundamento da recessão neste período. Já em 1980, as taxas de curto prazo foram reduzidas, ainda que as metas estivessem claramente além de seu nível esperado. Isto pôde ser explicado, entre outros fatores, pela sobrevalorização da libra¹⁰ logo nos primeiros anos

⁷ Buiter e Miller(1981), *op.cit.*, pgs333-334.

⁸ Kaldor(1986), observa o aumento na velocidade da circulação da moeda justamente no período de experimentação monetarista.

⁹ Afirmava o Chanceler britânico: “ Se há um conflito entre o combate à inflação e a taxa de câmbio, deve-se priorizar o primeiro ”. Ver Buiter e Miller(1983).

¹⁰ Entre 1980 e 1981 as taxas de juros ingleses estão em níveis inferiores ao resto do mundo, e portanto este movimento de apreciação pode ser explicado pela mudança na expectativa dos diversos agentes.

e a conseqüente perda de competitividade das exportações numa economia aberta como a inglesa¹¹.

Tabela IL.2.c - EXPANSÃO DO AGREGADO MONETÁRIO(variação quadrimestral anual em relação ao ano anterior)

	Base Monetária	M1	LM3	PSL2(1)	Overshooting*
1979	10.1	9.0	12.4	13.1	+ 1.3%
1980	5.6	3.9	17.9	13	+ 8.8%
1981	1.1	9.4	12.6	11	+ 9.5%
1982	3.8	12.2	9.8	8.6	+ 6.5%
1983	11.2 (2)		+ 1 %		
1984	12.0 (2)		+ 0.7%		

Fonte: *Financial Statistics*, num. 256, August 1983.

(1) Private Sector Liquidity 2

(2) Variação anual

* Expansão do LM3 comparada às metas anuais.

Em comparação com 1979, há apreciação real da libra esterlina de cerca de 15% em média. De fato, a apreciação da libra favorecia, de um lado, o controle da inflação e neste sentido, tal movimento implicava em restrições no Balanço de Pagamento. Em 1982, estava sugerida uma mudança de enfoque do controle do agregado para uma administração das taxas de juros e câmbio¹².

Tabela IL.2.d - COMPORTAMENTO DA TAXA DE CÂMBIO

	1979	1980	1981	1982	1983	1984	1985
US\$	2.12	2.33	2.03	1.75	1.52	1.34	1.30

Fonte: *Bank of England Quarterly Review*

¹¹ A posição competitiva dos produtos britânicos declinou cerca de 15% em apenas um ano e além disso, uma série de bancarrotas prosseguiu em períodos sucessivos.

¹² Como observou Arestis(1989), " o foco de atenção deslocou-se de uma extrema ênfase na aceleração do LM3 para os objetivos mais tradicionais, como o nível dos juros ou a taxa de câmbio " .

A credibilidade da política monetária deve-se, em primeira instância, a permanência de indicadores da restrição financeira, ainda que houvesse o fenômeno do *overshooting*, e o compromisso exclusivo do governo com a eliminação da inflação, o que liberava o governo de promessas para com o nível de emprego ou crescimento da atividade econômica, endossando os objetivos iniciais¹³. De fato, havia legitimidade ao programa de governo, e certamente a base de apoio do governo compartilhava os objetivos explicitados. Ao longo do seu mandato, Sra Thatcher preservou a reputação anti-inflacionária de seu governo, obtendo resultados efetivos na contração da base monetária (praticando uma política muito restritiva), mesmo relaxando as metas para a expansão do agregado monetário amplo.

Concentrando-se na política monetária através do monetarismo, afirmam alguns autores que o experimento Thatcher favoreceu abertamente o tradicional setor financeiro inglês em detrimento do setor industrial, já em vias de declínio estrutural¹⁴. Argumenta-se que Sra. Thatcher, compartilhando a ojeriza do setor financeiro aos controles diretos (como a *corset*), prioriza os mecanismos indiretos, como foi efetivamente a administração das contrapartidas contábeis bancárias via taxa de juros. Adotando um regime flexível de juros e câmbio, o governo opta pela liberalização dos mercados financeiros, creditício e cambial. Não haveria controles impostos sobre a movimentação financeira do setor privado e, supostamente, o governo deixaria de influir no mercado de divisas ou no mercado aberto¹⁵. Como afirmam Coakley e Harris (1983), a *City* esteve a favor do monetarismo à medida em que este defendia tais propostas, além de uma política fiscal abertamente deflacionária. De fato, a *City* aprovava o programa de limites à oferta monetária à medida em que isto fosse obtido por intermédio da redução do PSBR. Por outro lado, o setor financeiro inglês combatia a outra face de uma política monetarista: as taxas de juros elevadas, dada à sua impopularidade e possíveis acusações de que os bancos estariam ganhando à custa de outros segmentos sociais e a volatilidade dos juros, provocando uma situação de risco e incerteza

¹³ Como afirmou J.F. Forde, ao enfatizar o combate à inflação, utilizando-se as “metas intermediárias”, ao invés de concentrar-se nos objetivos últimos, o governo contaria com um respaldo popular significativo.

¹⁴ Mesmo argumentando a “impopularidade das taxas de juros” dentro da comunidade financeira, existe na verdade um suporte significativo ao monetarismo. É uma “questão de interesse próprio, à medida em que o controle do agregado monetário pode parecer uma desculpa para altas taxas de juros e conseqüente elevação do lucro bancário”, como destacou Coakley e Harris (1983).

¹⁵ Na iminência de especulação nos mercados financeiros e cambiais, o setor financeiro certamente defenderá uma política de estabilização onde houvesse intervenção nestes mercados.

entre os *dealers* . O ambiente *laissez-faire*, no entanto, esteve sujeito a influências decisivas do governo. Muitas vezes o governo foi impellido a realizar intervenções no câmbio(*dirty floating*) a fim de estabilizar a paridade libra/dólar.

A Condução da Política Fiscal

O *White Paper* de 1979 anunciava que o “ gasto governamental era o cerne das nossas dificuldades atuais ” . Desta forma, a política fiscal esteve explicitamente dirigida para a redução do gasto público, em primeira instância e a busca de um Orçamento equilibrado no longo prazo¹⁶.(Vide Tabela II.2.a) O excedente das despesas(déficit fiscal) seria financiado pela venda de *gilt-edged*, e o reflexo desta política apareceria no PSBR como proporção do produto nacional, medida utilizada como comparativo ao peso exercido pelo setor público na economia. Como foi destacado, os efeitos do gasto público sobre o investimento privado(efeito *crowding out*) eram danosos à continuidade dos negócios. No caso da política fiscal, a obtenção das metas para o PSBR era peça chave do programa, e somente a partir de então poderia o governo optar por uma redução na taxa de juros gerando condições para a retomada do crescimento sustentado. Do mesmo modo, seguindo o argumento do “ efeito expulsão “, há uma clara contração dos gastos vinculados ao investimento público inicialmente, seguido de uma relativa estagnação ao longo da primeira metade dos oitenta. Os cortes nas despesas deveriam ser permanentes e profundos, a fim de estabelecer os princípios de uma recuperação econômica.

Implicitamente ao programa, havia a meta de diminuir o escopo do *Welfare State* e a meta de privatização das estatais, colocada em prática a partir de 1982. Entretanto, como salientaram alguns autores, a despeito do discurso anti - Estado do Bem Estar, verifica-se uma manutenção e até mesmo um crescimento dos gastos sociais em termos reais, possivelmente explicados pela tentativa de atenuar às pressões sindicais e tensões sociais. Para a conquista das metas, o governo optou muitas vezes pelo controle discricionário com

¹⁶ Discute-se que o governo tenha conseguido tal objetivo em princípio por uma redução absoluta e efetiva nas despesas, mas na prática por meio de elevação da arrecadação fiscal.

o objetivo de atenuar os efeitos cíclicos(estabilizadores automáticos) do déficit público. Logo nos primeiros anos, o *overshooting* das metas pré-estabelecidas levou o governo a revisar para cima os orçamentos, algo que foi compensado pelo *undershooting* das metas no segundo governo conservador. Os principais itens do déficit público responsáveis pelo *overshooting* foram: os gastos com seguridade social(responsáveis por cerca de 25% do total dos gastos), gastos com indústria e energia e subsídios ao setor público. Ao mesmo tempo em que os rendimentos pessoais aumentavam, em virtude dos gastos com benefícios sociais e elevação da renda real, os lucros industriais estavam encolhendo em virtude da recessão, de tal forma que o déficit ficava cada vez mais comprometido com a diminuição na receita tributária. Na elaboração do Orçamento para 1981, Sir G. Howe já anunciava uma atualização das antigas metas do PSBR de 11 milhões de libras para 13 milhões, ainda que fossem propostos uma elevação nas contribuições sociais e impostos indiretos(que certamente pressionariam o RPI)¹⁷. Ao observarmos os anos de 1980-81, conclui-se que, apesar da redução efetuada na taxaçaõ direta, o déficit cíclico apresenta um crescimento em virtude da elevação das transferências(benefícios sociais). A retirada de componente cíclico do déficit público implica um superávit fiscal do governo em anos sucessivos, o que revela o caráter contracionista da política fiscal. A recessão por que passou a Grã-Bretanha nestes anos, certamente deveu-se em parte à sua adoção, aliado à ausência de maiores providências para amenizá-la¹⁸. Do mesmo modo, a análise do déficit ajustado(pela inflação), revela que há um nítido movimento de déficit no final dos anos setenta para um superávit nos anos oitenta.

Tabela II.2.e - RESULTADOS PSBR

	Proporção P.I.B.	Relação com Metas(Orçamento)	Déficit cíclico
1980-81	5,6%	+ 47%	1,1%
1981-82	3,4%	+ 13%	4,0%
1982-83	3,4%	+ 51%	5,4%
1983-84	2,5%	+ 67%	4,3%
1984-85	1,9%	- 16%	4,2%

¹⁷ Um estimador adequado para medir os efeitos do déficit teria sido o PSFD(*Public Sector Financial Deficit*), considerando apenas as contrapartidas financeiras, desta forma revelando-nos uma instância menos restritiva.

¹⁸ Ao introduzir um Orçamento deflacionário num período de recessão profunda, o governo era ciente de seus efeitos e continuou inflexível em suas medidas.

Fonte: *Financial Statements and Budget Report, 1980-1981.*

Em relação à carga tributária, há uma significativa redução da progressividade dos impostos, em especial devido à elevação(quase duplicação) dos impostos sobre valor agregado(*Value Added Taxes*) e diminuição da taxa direta(pessoal e corporativa), ainda que houvesse um crescimento das contribuições sociais. Em relação a estas, em compensação à redução do nível do emprego e estagnação nominal dos salários, há um crescimento significativo das transferências sociais. A mudança na estrutura de taxa, assim como a convicção de que haveria uma elevação do RPI em virtude das VATs era consensual no governo, e neste sentido o impacto inicial seria reconhecidamente inflacionário. Em geral, observa-se um crescimento da carga tributária ao longo dos anos, principalmente ao medirmos à taxa marginal per capita. Ao contrário de algumas políticas adotadas nos anos setenta, cujo perfil era distributivo de renda, a política dirigida nos anos oitenta visava aumentar apenas os incentivos.

Tabela II.2.f - TAXAS DE IMPOSTOS MARGINAIS

	VAT	Imposto de Renda	Taxa Corporativa
1979-1980	4.85	33	40
1980-1981	8.25	30	40
1981-1982	8.25	30	40
1982-1983	8.25	30	38
1983-1984	8.25	30	30
1984-1985	8.25	30	30

Fonte: *Matthews e Minford(1987)*

O Comportamento das Macro variáveis

Dentre os indicadores observados no período, aquele que mereceu maior atenção devido ao relativo êxito do programa talvez tenha sido a conquista de índices declinantes de inflação(Tabela II.b), contrastado por um nível de desemprego crescente o qual passamos à

análise. Enquanto a inflação foi reduzida de um patamar de 19,8 % em 1979 para 4,6% em 1983¹⁹, o nível de desemprego elevou-se a um patamar superior a 12% no período, especialmente referindo-se ao desemprego estrutural(longo prazo²⁰). Por sua vez, o desemprego friccional(temporário) observado não revelou crescimento significativo, o que denota uma tendência à elevação da taxa natural de desemprego, particularmente no setor industrial, responsável por 30% da mão-de-obra desocupada em 1979. Do mesmo modo, afirma-se que parte da queda do nível de emprego deve-se à massa de trabalhadores pressionando o salário para cima ou fixando seus salários fora do mercado(além do crescimento da produtividade); o custo real salarial está, pois, fixado acima do seu nível de equilíbrio. A evidência de um *trade-off* entre inflação e desemprego, em oposição aos anos anteriores(regime de estagflação) sugere-nos um possível retorno à anunciada *Curva de Phillips* dos anos sessenta. A experiência de queda da inflação pela qual passou a economia inglesa no período rendeu uma série de interpretações, entre elas aquela que enfatiza o papel dos choques externos, paralelo ao programa deflacionário doméstico, por meio do qual se atenuou a “ psicologia inflacionária “. Seriam integrantes destes choques, tanto o colapso do comércio mundial, como o movimento da taxa de juros a nível mundial.

Tabela IL2.g - MACROVARIÁVEIS

	1979	1980	1981	1982	1983	
1984						
Inflação	13.4	18.0	11.9	8.6	4.6	5.0
Crescimento Nominal P.I.B.	15.6	15.9	10.6	10.2	8.0	6.3
Crescimento Real P.I.B.	2.2	-2.1	-1.3	1.6	3.4	1.4
Taxa de desemprego	4.8	6.1	9.5	11.0	12.1	12.6

Fonte: *Economic Trends*.

O crescimento e a melhoria dos indicadores de produtividade, especialmente no setor manufatureiro, foi também um dos benefícios obtidos com a política conservadora.

¹⁹ A redução da inflação deve-se, não somente à adoção de políticas restritivas, mas de uma conjuntura internacional favorável: queda nos preços das matérias-primas principais(como o petróleo) e contração da demanda internacional.

²⁰ Há certa evidência de que boa parte dos desempregados nestas circunstâncias ingressaram na economia informal(*black economy*, responsável por 7% do PIB), sem que retornassem ao mercado de trabalho.

Acredita-se que a política de cunho *supply-side*, que inclui desde a redução na taxa de taxa direta até um programa de privatização e desregulamentação, tenha criado condições que permitiram e encorajaram a eficiência econômica sobre os recursos antes utilizados. Neste sentido, a recessão no período teria feito com que as empresas eficientes se sobressaissem, eliminando as firmas pouco competitivas. Do mesmo modo, teria provocado uma reestruturação forçada tanto a nível produtivo como organizacional, como meio de sobrevivência, utilizando-se dos termos *darwinianos*. Ao analisarmos o indicador produto/hora ou mesmo o índice produto/trabalhador, observa-se um crescimento significativo. Tal performance é explicada tanto do ponto de vista do número de firmas fechadas e do “ enxugamento “ do efetivo das empresas, como pela menor resistência dos trabalhadores à introdução de práticas inovadoras, mudanças na organização da produção e nos métodos de trabalho. Ao mesmo tempo, como argumentou A. Glyn(Green - 1989), à medida em que os salários reais crescem à uma taxa constante, o excesso de produtividade é absorvido pelas margens de lucro.

Tabela II.2.h - PRODUTIVIDADE NA ECONOMIA INGLESA(salários por unidade de produto)
(1980=100)

	GLOBAL		SETOR INDUSTRIAL	
	índice	variação	índice	variação
1979	82.7	14.1	82.3	14.5
1980	100	20.9	100	21.5
1981	108.7	8.7	109.4	9.4
1982	114	4.9	114.6	4.7
1983	116.6	3.8	118.6	3.1

Fonte: Central Statistics Office.

Durante o período que se inicia em 1979, a taxa de crescimento do produto foi, em média, de 2% ao ano. Como argumenta A. Glyn(Green - 1989), tal resultado deve-se à expansão real do consumo, ainda que houvesse declínio na PDI - *personal disposable income* ou renda pessoal disponível ao mesmo tempo em que o consumo público(principalmente o investimento) esteve em vias de declínio. Dentre os componentes do consumo privado, àquele vinculado à renda do trabalho obteve crescimento expressivo: isto

pôde ser explicado tanto pela elevação dos salários reais, como pelo aumento do número de desempregados e trabalhadores temporários(*part-time workers*). O *boom* de consumo pode ser explicado tanto pela elevação da lucratividade(em virtude dos ganhos de produtividade), rendas financeiras, como pelo aumento dos benefícios sociais. Do mesmo modo, o investimento privado dos setores bancário, financeiro e serviços em geral apresentaram um crescimento significativo(mais que dobraram), a despeito do gasto com formação bruta(industrial) obtendo um comportamento decrescente. Afirma Glyn que à medida em que o investimento concentrou-se em setores como o de distribuição e crédito e menos no setor produtivo, a Inglaterra não conseguiu conduzir um crescimento sustentado de longo prazo, baseado no investimento em produtos e processos para o mercado.

CEAD/UFPA

II.3 A CRÍTICA PÓS-KEYNESIANA

A transmutação de uma economia mercantil cujo padrão é a moeda-mercadoria(ouro) para uma economia creditícia(*credit-money economy*)complexa é peça chave na crítica ao monetarismo realizada por N.Kaldor(1985). Como observa este autor, na economia mercantil a demanda por moeda esteve sempre vinculada à demanda por mercadorias. Caso houvesse um excesso de moeda metálica, este fenômeno certamente ocasionaria inflação nos preços das *commodities*. No entanto, numa economia onde o sistema de intermediação está amplamente difundido, a relação entre reservas bancárias e meios de pagamento são múltiplas(e, portanto, o multiplicador bancário não é fixo). O credo monetarista estabelece uma relação estável entre o acréscimo monetário e o poder de compra dos agentes, fixo segundo uma série de variáveis independentes¹. A expansão monetária provoca um choque exógeno, causando desequilíbrio temporário no mercado monetário, período em que os agentes dispõem de um excesso de saldos reais e irão restaurar o equilíbrio anterior do poder de compra através do gasto em ativos(reais ou financeiros). Segundo Kaldor, a relação entre moeda e preços estava associada ao período de domínio da moeda metálica(exógena), e na verdade, a expansão do agregado monetário pelo lado da oferta só ocorre neste tipo de economia, enquanto que na economia moderna prevalece uma situação de endogeneidade da moeda, onde a velocidade de circulação da moeda é variável, assim como as escolhas objetivas de arbitragem para a composição de portfólio(em última instância, determinado pela preferência pela liquidez dos agentes). Desta forma, uma vez que a oferta de moeda é determinada pela demanda, somente através de uma política de juros² e de uma política fiscal ativa, o governo pode influir na renda nominal e conseqüentemente na demanda por moeda. A noção de endogeneidade da moeda é algo central no argumento anti-monetarista, e a partir daí são desenvolvidas uma série de críticas à tentativa de experimentação deste modelo. Entre elas,

¹ A hipótese da demanda por moeda estável, por sua vez, omite as expectativas voláteis dos agentes e a incerteza, advinda da imperfeição nas informações.

² Direcionada a influir diretamente sobre a preferência dos agentes pelos diversos ativos financeiros, e indiretamente sobre as decisões de consumo e investimento.

constata-se a proliferação das chamadas inovações financeiras, discute-se a concepção de inflação e o papel do PSBR para a visão predominante.

A opção pela regulamentação bancária, com o estabelecimento de limites ao crédito(EEUU), ou taxas punitivas de desconto (através da MLR inglesa), como foi visto na prática, ocasiona uma insuficiência de liquidez no sistema bancário privado, que por sua vez passa a operar junto a credores privados no intuito de captar recursos. Na verdade, a política monetária restringe a maximização de lucros pelos bancos, e como mecanismo defensivo, as instituições privadas acabam diversificando seus mercados e introduzindo novos produtos. Segundo a “ Lei de Goodhart ”, a regularidade estatística entra em colapso à medida em que a pressão é estabelecida por meio dos controles diretos, ou seja, as inovações se aceleram fugindo ao controle das Autoridades Monetárias. Desde 1979, o surgimento da “ securitização”³, processo pelo qual os empréstimos bancários são negociados paralelamente no mercado secundário, provocou o deslocamento dos ativos dos bancos domésticos para as instituições *offshore*. A importância dos chamados “ *off-balance sheets* ”, incluindo os *swaps* de câmbio e juros e os mecanismos de defesa(*hedge*) e do fenômeno da globalização(integração) dos diversos centros mundiais, tendem a complexificar o sistema financeiro. Na operação dos bancos, é cada vez mais recorrente a administração de passivos monetários(*liability management*), com o surgimento de títulos de curtíssimo prazo (como os depósitos de conta remunerada)³, que por sua vez são mecanismos que fogem do âmbito de controle governamental dos meios de pagamento. Além das “ *off-balance sheets*”, a chamada intermediação não financeira(realizada por instituições não financeiras) impossibilita qualquer tentativa de atuação por parte do Banco Central, o que agrava ainda mais a situação de instabilidade. As chamadas “ inovações financeiras ” põem em cheque a eficácia de políticas monetárias restritivas, e parecem ser um fenômeno irreversível, mesmo na iminência de desregulamentação, onde efetivamente ocorre sua proliferação. Assim, o surgimento de quase-moedas(*money substitutes*) conduz a sucessivas revisões nas definições de metas para a expansão do agregado monetário, que culmina com a perda de eficácia deste tipo de política. Diante da

³ Nos EEUU, o surgimento dos *overdrafts*(saques a descoberto) e os depósitos de curto prazo(*NOW ACCOUNTS*) são exemplos típicos deste movimento.

imprevisibilidade no comportamento da velocidade de circulação da moeda, o governo é obrigado a ampliar o intervalo de indicadores monetários(*monetary targets*), retornando para uma política mais pragmática e discricionária, o que realmente aconteceu após 1982 na Inglaterra.

A relação entre nível de preços e expansão monetária exprime apenas a chamada inflação de demanda, dirigida por uma pressão exercida pelo público em geral sobre o estoque de produtos e serviços na economia, dada uma elevação dos saldos reais mantidos pelos agentes. De fato, está-se supondo uma causalidade entre expansão dos agregados monetários e o nível de preços. Apesar dos inúmeros estudos econométricos sobre o sentido de determinação da causalidade, a polêmica ainda persiste; a visão alternativa insiste na proposição de que a atividade econômica é capaz de pressionar os preços, e desta forma, provocar uma maior demanda por crédito⁴; além disso, evidenciam os chamados *fatores inercialistas* da inflação, quando na verdade uma série de condições são repetidas periodicamente de modo a estabilizar o nível de preços, e os *fatores expectacionais*, à medida em que os agentes projetam para os preços as expectativas quanto ao comportamento futuro da economia. Entre outros fatores de pressão sobre o nível de preços, o movimento nos custos de produção(através dos choques de oferta ou do encarecimento de determinado produto), a eliminação de subsídios(ou elevação dos impostos indiretos, como foi feito na Inglaterra com os VATs - *Value Added Taxes*), ou ainda o custo financeiro embutido nos preços como resposta a elevados níveis de juros, são descartados enquanto causadores da inflação. O argumento pós-keynesiano propõe que a deflação inglesa deveu-se a uma série de fatores que não ao controle dos agregados monetários. Além disso, como foi observado por Buiter e Miller(1981), o impacto sobre o lado real da economia foi muito mais forte do que o suposto pela hipótese gradualista de combate à inflação. Por sua vez, a política fiscal deflacionária, como afirmou Desai(1981), teve um impacto negativo sobre o emprego e o produto, quando na verdade seguindo o argumento do “ *crowding out* “, uma política fiscal restritiva deveria estimular o

⁴ A inflação é precipitada quando, na luta entre os diversos agentes(organizados em firmas, sindicatos e governo) pela distribuição de renda, um determinado grupo pressiona por uma maior parcela da mesma provocando um efeito em cadeia(espiral inflacionária). Ver Arestis, P., “ The UK Monetarist Experiment “. In Journal of Public Policy, Feb. 1984, pgs 48-49.

crescimento⁵. Um primeiro fator que pode ter conduzido à deflação foi a reversão(deflacionamento) mundial nos preços de matérias-primas básicas aliada à apreciação da libra esterlina em virtude dos juros altos. A compressão das margens de lucro no setor manufatureiro em virtude da política recessiva ou ainda a menor pressão salarial em virtude do desemprego puderam contribuir para a diminuição dos preços.

O argumento monetarista parece centrar sua análise no papel do PSBR, definido como o acúmulo de recursos financeiros com o intuito de financiarem os gastos do governo. A principal tese monetarista afirma que o financiamento do setor público pelo sistema bancário(empréstimos, emissões) provoca impacto inflacionário, a não ser que ocorra venda de títulos da dívida ao setor privado(*gilt-sales*)⁶. Este postulado ignora o fato da poupança privada a nível dos agentes ser independente de um PSBR monetizado ou financiado por *gilt-sales*. Na verdade, a alocação entre os diversos ativos depende fundamentalmente das decisões privadas de composição de portfolio, ou seja, em última instância a demanda por ativos está relacionada com as expectativas futuras quanto ao comportamento da rentabilidade destes ativos(mudanças futuras nas taxas de juros), liquidez e fatores de risco a eles associados. Kaldor(1986) desenvolve este argumento, afirmando que os planos de gasto individual independem de suas preferências quanto à alocação de riqueza sob a forma líquida de dinheiro ou outros ativos menos líquidos. O estabelecimento de taxas de juros no curto prazo, por exemplo, induzem os agentes a anteciparem suas decisões, e muitas vezes os efeitos consequentes são contrários aos desejados pelo governo⁷. A prática mostrou que, por mais que se aumentassem as taxas de juros de curto prazo, os agentes alocavam suas riquezas no longo prazo, e portanto não haveria necessidade de insistir no curto prazo, pois a alocação de ativos desviou-se " naturalmente " para o longo prazo. Isto revelava que as expectativas quanto aos ganhos de

⁵ Supostamente, se o nível da atividade econômica variar positivamente com a demanda efetiva, a poupança disponível para o investimento associada ao PSBR estará positivamente associada com o investimento, e não o contrário como pregam os monetaristas.

⁶ Do ponto de vista do setor privado, tanto o anúncio de metas para a expansão do agregado como para o PSBR impactam as expectativas inflacionárias dos agentes, e portanto sobre o nível dos juros. Na iminência das " expectativas inflacionárias " influem na taxa de juros, as mesmas deverão ser crescentes.

⁷ A instabilidade da demanda monetária em condições de volatilidade de juros, câmbio e inflação tornam bastante problemática a efetividade das políticas monetárias.

capital eram imprevisíveis por parte do governo. voláteis deram origem Na verdade, a insistência no curto prazo acabou por provocar o fenômeno do descasamento entre ativos e passivos(*negative yield gap*), ou seja, divergência nos prazos de empréstimo e captação dos bancos dando origem à insolvência dos mesmos. Um outro argumento desenvolvido por Kaldor(1986) revela o cunho ideológico detrás do discurso anti-PSBR, à medida em que as estatísticas revelam que, nos fins da década de setenta, o financiamento do PSBR foi apenas responsável pr 2% do crescimento do agregado monetário. O crescimento expressivo da oferta monetária deveu-se eminentemente aos empréstimos privados, e este deveria ser o alvo principal da política monetária no estabelecimento de metas para sua evolução.

Kaldor(1986) coloca ainda o problema das alternativas políticas estratégicas. A partir da hipótese de que a inflação faz surgir mecanismos de indexação alimentando a espiral inflacionária, sugere a adoção de políticas de renda permanentes: congelamento de salários, a introdução de importações competitivas, redução progressiva das taxas de juros, garantia de preços baixos nas matérias-primas básicas e um severo monitoramento de preços.

III. O LEGADO THATCHERISTA

III. O LEGADO THATCHERISTA

A inflexão ocorrida no ano de 1979 e seus desdobramentos durante mais de uma década suscitaram a dúvida acerca da mudança e continuidade do sistema político inglês. Detentora de três vitórias consecutivas nas eleições inglesas¹, algo inusitado desde Churchill, Sra. Thatcher personificou o poder num único indivíduo e alcunhou o cognome de “Dama de Ferro”, realizando um dos governos mais ideológicos desde a Primeira Guerra mundial. O thatcherismo consistiu numa “coleção de idéias diversas, algumas contraditórias, que se originaram como reação contra as verdades recebidas das décadas anteriores, amalgamadas com instintos”². Muitas destas idéias já circulavam tanto no meio acadêmico, como nos círculos políticos, influenciando de maneira significativa a conduta dos governos ingleses. Como eixo central do pensamento conservador, figuravam o ideário monetarista de M. Friedman, a *rationale* novo-clássica das expectativas racionais, o anti-intervencionismo neo-liberal, entre outras coisas, definindo a chamada “Nova Direita”. Sra. Thatcher teve sucesso na “guerra das idéias”, na transformação do clima de opinião vigente sobre o Estado e a política econômica até então, criando uma série de inimigos políticos e sociais. Contrariamente, Thatcher era uma política convicta, avessa a idéia de consenso, pois caberia ao próprio governo criá-lo³. Uma das explicações para a emergência da liderança conservadora teria sido as desilusões do público associadas aos fracassos do modelo *Welfare State* e ao declínio do império britânico, algo que datava de períodos anteriores, que os governos teriam sido incapazes de reverter. O thatcherismo aparecia, nos fins dos anos setenta, como única resposta aos problemas enfrentados pela economia britânica e exibia nele uma estratégia consistente para os enfrentamento das questões estruturais desta economia, estratégia esta condizente com a filosofia do livre mercado e do “Estado Forte”. Nos termos gramscianos, era um projeto hegemônico para o

¹ Apesar da severa recessão que durou até 1982, os anos posteriores foram de recuperação e crescimento econômico, e portanto os mandatos sucessivos de Sra. Thatcher talvez possa ser explicado pelo otimismo e euforia com este período de expansão. Do mesmo modo, é importante salientar os dividendos eleitorais obtidos com a vitória na Guerra das Malvinas com Argentina, que de certa forma sufragaram a sua reeleição em 1983

² Ver Lereux(1992), pgs 618-619.

³ Em recente visita a S. Paulo, afirmou “Para mim não existe consenso, o que existe é acordo e consentimento”.

estabelecimento de um modo de regulação que favorecia claramente à acumulação capitalista. Hall(1988) definiu o thatcherismo como um “ autoritarismo populista ”, que visava ao mesmo tempo a centralização do poder(aspecto autoritário) e o combate à burocracia excessiva. Gamble(Green - 1989) caracterizou o período como o de “ livre mercado e Estado forte ”. O governo deveria ser forte e circunscrito para respaldar o Estado de Direito, contra os cartéis e monopólios e a favor das finanças. Ao final da década, muitos autores, entre eles P. Hirst, ainda afirmavam que “ os problemas atuais enfrentados pela economia britânica são menos de natureza cíclica do que estrutural ”⁴.

Há um relativo consenso entre historiadores sobre a natureza endógena do declínio inglês de longo prazo, e que este estava se aprofundando com o passar das décadas após a Segunda Guerra mundial. Historicamente, seu início é datado em fins do século passado. Por exemplo, a tese defendida por prof. Hobsbawn era de que à medida que a Inglaterra fôra pioneira e líder na industrialização, certamente seria, como economia madura, a primeira a se desindustrializar e perder o fôlego com a emergência das industrializações atrasados de fins do século XIX. Ao lado do seu pioneirismo, este autor enfatiza a constituição arcaica e a estabilidade política inglesa, além do fato da economia inglesa estabelecer-se como complementar ao resto do mundo, fatores que certamente contribuíram para aprofundar o processo de declínio estrutural.

Do ponto de vista da organização sindical, são muitos os resquícios do corporativismo feudal e das formas arcaicas de barganha salarial. Como afirmou Desai(Green - 1989), “ eficiência, produtividade e qualidade do produto final são ainda preocupações exclusivas do empresário ”. Não havia interesse em representações trabalhistas nas indústrias, nem interesse na propriedade ou controle das mesmas por parte do empregado. O TUC(*Trade Union Committee*), embrião do Partido Trabalhista inglês, era uma força majoritária dentro do compromisso tripartite sob a égide do Estado do bem-estar. Para muitos autores, o movimento prematuro dos sindicatos teria debilitado e atrasado as mudanças estruturais necessárias ao capitalismo inglês. A resistência à introdução de nova tecnologia restringia a implantação destas reformas, e para muitos, esta

⁴ Ver Hirst, P., “ Britain’s Road to Disaster ”, In *Dissent*, Summer-1993, pg 289.

seria a causa primordial para o atraso relativo da economia inglesa quando comparado ao resto do mundo.

Em relação à estrutura industrial, predominaram na Grã-Bretanha indústrias maduras, beirando a exaustão da capacidade instalada, e pouco profissionalizadas(em geral dirigidas por indivíduos ou famílias). O índice de produtividade das mesmas era bem inferior aos níveis internacionais. Durante o *boom* econômico dos anos cinquenta, a Grã-Bretanha perdia uma parcela significativa de sua participação no comércio mundial para as nações recentemente industrializadas. Ao contrário do resto do mundo, que avançava no sentido de uma maior integração entre bancos e indústrias, a formação de cartéis e integrações verticais foram pouco efetivas, de modo que os setores financeiro e industrial caminharam divorciados na trajetória da economia inglesa. As firmas britânicas dependiam muito da acumulação privada de capital (autofinanciamento), o que dificultava a realização de grandes projetos industriais. A indústria revelava-se pouco propensa à mudança ou adaptação aos novos tempos, e portanto o ritmo de incorporação das inovações era lento. Os negócios britânicos, sempre voltados para o exterior, fizeram com que a performance da indústria fosse mais importante internacionalmente do que no mercado doméstico propriamente dito.

Tabela III.a - O DECLÍNIO NO SETOR MANUFATUREIRO INGLÊS(1979 = 100)

	PROD. MANUFATUREIRA	INVES. BRUTO IND.	P.L.B.
1979	100	100	100
1980	91,2	86,4	97,5
1981	85,7	64,9	96
1982	85,9	62,8	97,8
1983	88,3	63,7	100,9
1984	91,8	73,9	103,7
1985	94,5	75,5	107

Fonte: Central Statistics Office, *Economic Trends*, May 1986.

Por sua vez, o setor financeiro retratado pela *City* conseguiu uma posição internacional competitiva, quando comparado ao desempenho do setor manufatureiro em vias de declínio. O mesmo pode-se dizer em relação aos serviços da economia, cuja participação no produto cresceu cerca de 50 % em 15 anos(1970-1985). Como observou Wells(Green - 1989), “ há um enorme diferencial no crescimento do produto industrial e dos serviços favorecendo o setor terciário ”. O mesmo pode-se afirmar em relação à participação do emprego, quando se nota um declínio relativo da mão-de-obra empregada no setor industrial seguido de uma elevação no emprego no setor de serviços.

Tabela III.b - MUDANÇA NA COMPOSIÇÃO SETORIAL DA ECONOMIA

	PROD. MANUF.	PROD. SERVIÇOS	EMPREGO MANUF.	EMPREGO SERV.
	P.I.B		% Total ocupado	
1979	27.1	55.8	29.5	58.7
1988	24.4	58.7	21.9	67.4
% (88-79)	-2.7	+2.9	-7.6	+8.7

Fonte: CSO, *Economic Trends Annual Supplement 1989*.

Do ponto de vista social, há um argumento defendendo a existência de rigidez na estrutura de classes inglesa, limitando a mobilidade social. Nas escolas, por exemplo, a exclusão do ensino nos segmentos mais baixos da sociedade é algo patente. O regime educacional vigente até pouco tempo atrás estabelecia uma segmentação no ensino, dificultando entre outras coisas, a mobilidade social. O sistema britânico determinava uma prévia ocupação daquelas pessoas que iriam dedicar-se às tarefas práticas do trabalho ou ocupar cargos administrativos⁵ através do ensino básico. Hodgson(1988) referiu-se à “ rigidez institucional inglesa, típica de um país insular, que pouco ou nada sofreu a influência de revoluções, guerras civis, invasões, algo que provocasse um questionamento de seus valores ”.

⁵ A posição administrativa deve-se mais a laços pré-estabelecidos, como o vínculo familiar, do que a profissionalização propriamente dita.

Ao longo do período que se estende entre 1964 e 1979, houve várias tentativas de atenuar o ritmo do declínio, como é o caso do *National Plan* de Wilson e a *Alternative Economic Strategy*. Como foi observado, desde cedo, a Inglaterra enfrentou o problema persistente do déficit no Balanço de Pagamentos, resultado da alta projeção e coeficiente de abertura que detém este país frente ao exterior. Detentora de baixos níveis de produtividade, qualquer pressão salarial implica a perda de posição competitiva dos seus produtos. Em geral, a perda de competitividade foi notada, não somente do ponto de vista quantitativo, mas da qualidade dos produtos ingleses diante da competição internacional.

Ao assumir o gabinete em 1979, Thatcher propõe uma disciplina de mercado, base para a reestruturação industrial. A cura para o declínio industrial seria por meio da recessão, obrigando as empresas a se adaptarem à concorrência internacional. Através da desregulamentação e incentivos ao capital privado, o governo visava resgatar a “liberdade para os negócios”. Um programa de privatização com o objetivo de atenuar a interferência estatal e elevar a eficiência das empresas alterou significativamente a composição industrial da economia⁶. Além de representar uma fonte de receitas importante(2 milhões de libras ao ano em 1984 contra 500 milhões de libras do período anterior), o governo deixou de intervir na política de investimento das indústrias e no mecanismo de preços, que deveria funcionar segundo leis de mercado.

Talvez o maior êxito do programa tenha sido a multiplicação do contingente de acionistas e do acesso ao mercado de capitais, naquilo que ficou conhecido como a emergência de um “capitalismo popular”. Em 1987, N. Lawson constatara que o número total de acionistas da economia britânica era superior ao total de membros sindicalizados no TUC⁷. A privatização provocou, entre outras coisas, a diminuição na taxa de sindicalização. Entre os anos de 1979 e 1990, a participação dos trabalhadores caiu de 50% da mão-de-obra ocupada para 35%. Em geral, argumenta-se que o motivo principal para tal fenômeno tenha sido a legislação imposta no regime thatcherista limitando o escopo de ação

⁶ Em alguns casos, observou-se que, apesar da privatização, muitos serviços públicos serem pouco ou nada oferecidos além do que já existia.

⁷ Em dez anos, o número de acionistas multiplicou-se por seis. Ver Leruez(1992), pgs 624-625.

dos sindicatos. No entanto, o declínio do sindicalismo deve-se, em primeiro lugar, à preferência pelo acordo trabalhista(contrato coletivo) realizado entre os empresários e os próprios trabalhadores. Do mesmo modo, a privatização trouxe consigo o fenômeno da racionalização das empresas, traduzindo-se na redução efetivas dos empregos, no contexto do desemprego estrutural dos anos oitenta. A reestruturação das empresas já vinha sendo sinalizada nos anos setenta, com a emergência do novo paradigma industrial no contexto da terceira revolução industrial e suas implicações. A diminuição no número de afiliados nos sindicatos é resultado direto da recessão e da redução no efetivo das empresas. Por outro lado, como salientou Leruez(1992), o declínio dos sindicatos foi causado também pelo “ crescente individualismo resultante dos níveis educacionais e culturais, à imagem negativa dos sindicatos frente ao período de agitação política que vigorou nos anos setenta e falta de consciência de classe ”.

Tabela IIIc - TRABALHADORES SINDICALIZADOS(porcentagem do total empregado)

	SETOR PRIVADO			SETOR PÚBLICO		
	manufatura	serviços	Total	indústria	adm. pública	Total
Trabalhadores não manuais	39	21	31	90	57	61
Trabalhadores manuais	75	39	65	91	58	67

Fonte: *Annales de l'Économie Publique, Sociale et Coopérative*, sept. 1985.

Um outro aspecto relevante é o do retorno do “ Estado guardião ”, típico de um pensamento liberal que confere ao governo o papel autoritário e tradicional de guardião da lei e da ordem em detrimento de seu papel mais recente enquanto provedor do bem-estar social. Do mesmo modo, o conflito histórico entre governo local e a União teria conduzido à centralização de poderes nas mãos do Governo Central. O auge deste perfil autoritário teria sido a implantação do impopular imposto *per capita*(a *poll-tax*), com natureza notadamente regressiva em substituição a um imposto sobre a propriedade privada.

O Governo Thatcher, como foi visto, presidiu uma das piores recessões já enfrentadas pela Grã-Bretanha. Entre 1979 e 1981, a crise dizimou a base industrial inglesa⁸, colocou milhares de pessoas fora de seus postos de trabalho e aumentou significativamente os índices de pobreza. Durante o período, houve uma mudança significativa na composição setorial da economia, de modo que a maioria dos empregos recém criados foram dirigidos para o setor terciário(serviços), pouco sindicalizado, especialmente os trabalhos *part-time*. Por outro lado, caminhou-se no sentido da reestruturação necessária à base industrial inglesa, forçando à adoção de novos métodos de trabalho, e obtiveram-se ganhos importantes de produtividade, com reflexos positivos sobre os salários reais⁹. Por sua vez, o investimento industrial ficou mais caracterizado pelo seu caráter incremental ou modernizador do que pela ampliação da formação bruta de capital propriamente dita. Isto é evidente quando se observa os níveis elevados de utilização de capacidade ao final do governo conservador. Em relação a este último aspecto, a escassez de capacidade parece ter sido uma forte tendência nos anos oitenta. Com exceção da realocação efetiva de capacidade em alguns setores(como o complexo químico e elétrico), do ponto de vista global a estrutura industrial manteve-se inalterada ao longo da década, a despeito da mudança na composição setorial da economia. Os fatores que provavelmente favoreceram o declínio da expansão nas atividades foram, em primeiro lugar, o declínio na taxa de retorno dos investimentos em virtude das altas taxas de juros em vigor no mercado. Ao mesmo tempo, a redução nos subsídios e incentivos fiscais, associados às expectativas de crescimento moderado na economia mundial muito contribuíram para a diminuição nos investimentos. Do ponto de vista governamental, não houve nenhum programa ou planejamento de longo prazo consistente de reestruturação industrial e de estímulo às inovações, ficando o governo concentrado nas medidas de curto prazo visando a

⁸ O número de falências(13500 liquidações em 1983) provocou uma deterioração na posição internacional de suas indústrias. Neste mesmo ano, a nação importava mais produtos industrializados do que exportava. Algo inédito na história da Grã-Bretanha.

⁹ Os anos 1979-88, assim como os “ ciclo dos nove anos ” de 1920-29 e 1929-38 ficaram conhecidos pela notável elevação da produtividade do trabalho

estabilização¹⁰. Portanto, o período ficou caracterizado menos pela expansão de novas atividades, como foi em épocas de reestruturação passadas(entre-guerras ou na década de cinquenta), do que pelo declínio e modernização de atividades tradicionais já constituídas. Rowthorn(Green - 1989) chega a afirmar: “ é algo irônico o fato do aparente milagre do experimento thatcherista ser resultante de seu aparente erro ”.

Reforçando a tendência já observada em anos anteriores(crescimento vertiginoso dos serviços), os anos oitenta enfatizaram o deslocamento do emprego industrial para o setor de serviços e a participação deste setor no produto nacional. Um dos motivos para este fenômeno talvez tenha sido o caráter inelástico dos gastos em serviços com relação à variação nominal da renda.

Em recente entrevista, Sra. Thatcher declara os méritos obtidos pela economia inglesa durante a sua gestão, como “ a elevação dos indicadores de eficiência e produtividade industrial ”¹¹, afirmando que um Governo Trabalhista seria incapaz de alcançá-los. Os anos oitenta ficaram marcados pela reversão, e alguns se referiram a uma “ revolução ” no pensamento macroeconômico. As medidas de sustentação do crescimento por meio do *supply-side* marcaram o abandono das práticas de administração de demanda e consolidação do “ ciclo dos negócios ”(*business cycle*)¹². Apesar das conquistas, foi algo patente a passagem por duas severas recessões, a contração da atividade manufatureira e o desemprego estrutural que seu regime aprofundou. A estratégia adotada pela MTF, entre outras coisas, causou uma sobrevalorização da libra sem precedentes, prejudicando a competitividade da indústria britânica já em vias de declínio. Sua política de redução do PSBR mostrou-se ineficaz, quando se observam os indicadores reais do gasto público para os anos oitenta. Apesar dos esforços de reduzir os impostos diretos, Sra. Thatcher abandona o gabinete com uma carga tributária superior à sua primeira eleição. Duas de suas políticas domésticas certamente obtiveram êxito: o enfrentamento dos sindicatos organizados e a

¹⁰ A ausência de política industrial é algo marcante idênticamente nos Estados Unidos, onde o ambiente *laissez-faire* foi mais favorecido pelo governo e pela comunidade industrial e financeira em geral.

¹¹ Muitos autores discutem o caráter transitório deste movimento. A elevação dos índices de produtividade teria ocorrido por meio da redução na base produtiva da economia.

¹² “ Talvez a sombra do ciclo dos negócios tenha obscurecido as transformações profundas observadas na indústria britânica ”. Ver “ Thatcher Legacy ”, 1993.

privatização da maioria das indústrias britânicas nacionalizadas; nenhum outro primeiro-ministro enfrentou com tanta convicção aquilo que Sra. Thatcher defendeu até o final de seu último mandato em 1990.

CONCLUSÃO

O estudo aqui desenvolvido tratou de identificar aspectos relevantes relacionados ao experimento monetarista de Sra. Thatcher a partir do referencial político vigente nos anos sessenta e setenta. A observação das macrovariáveis no período analisado (1979 a 1983) revela-nos, pelo distanciamento das metas dos resultados observados, a impossibilidade de realizar experimentos controlados, como foi o exercício e aplicação do ideário monetarista no seu governo. Em geral, o governo não tem controle sobre as variáveis, nem pode deduzir o comportamento e as expectativas dos agentes. Desta forma, a MTFS foi fracassada alguns anos após ter-se iniciado o experimento, com o fenômeno do *overshooting* e retorno ao pragmatismo já em 1983. Após cêrca de 5 anos, Sra. Thatcher abandona sua insistência em conduzir a política econômica através de estratégias intermediárias de médio prazo. Em 1985, reforça o componente *supply-side* do programa conservador, deixando para trás as práticas monetaristas.

Do mesmo modo, podemos afirmar que o experimento suscitou o aprofundamento do declínio estrutural inglês, corroendo boa parte da base industrial nacional, ao mesmo tempo em que se favorecia o setor financeiro(*City* londrina e de serviços(em vias de crescimento vertiginoso). Thatcher realizou uma reforma profunda nas instituições inglesas, como nos sindicatos, e privatizou a grande maioria das empresas estatais. Seu legado foi construído essencialmente sob a égide do capital privado. Para realizar as reformas necessárias ao capitalismo inglês, a Inglaterra passou por duas recessões, cujo resultado foi a elevação significativa dos índices de desemprego(especialmente, o estrutural) e o fechamento de uma série de indústrias incapazes de se sustentar diante da conjuntura desfavorável. Os poucos méritos do experimento, ainda que muito criticados, são o combate eficaz a inflação nos primeiros anos e uma elevação importante nos níveis de produtividade, que para alguns é resultado da reestruturação forçada na base produtiva. Da mesma forma, o setor financeiro inglês foi favorecido à medida em que o monetarismo criava um ambiente favorável às transações nos mercados de capitais.

No campo político, o ano de 1979, de fato, marcou um rompimento significativo no cenário inglês. Aquilo que se convencionou como “ consenso keynesiano ” sentiu seu último golpe, já que durante os anos setenta o paradigma de conduta dos governos vinha sendo severamente questionado. O impacto da inflexão conservadora foi quase que irreversível para a economia inglesa, basta olharmos a resistência observada pelas autoridades inglesas atuais (Sr. John Major) na implementação de uma política de gasto público efetiva ou de administração da demanda. Certamente, os ventos ingleses sopraram com bastante vigor pelo resto do mundo, influenciando políticos e governos de várias nações. Uma visão mais aprofundada do experimento nos permite concluir que se tratou de um tentativa fracassada, e que de maneira alguma ele servirá como modelo ou paradigma de conduta dos governos atuais.

Por fim, gostaria de concluir o trabalho citando uma célebre frase do mais importante economista deste século:

“ Practical men, who believe themselves to be quite exempt from any intellectual influences, are usually the slaves of some defunt economist. ”(J.M.Keynes)

PÓS ESCRITO - “ THE LADY’S NOT FOR TURNING ”

.INTRODUÇÃO.

Ronald Millar é “ *speech writer* ” dos discursos e conferências de grandes personalidades políticas na Inglaterra. Entre eles, figuram Mr. Edward Heath, Primeiro Ministro britânico da década de setenta e John Major, atual chanceler inglês. Mas foi com Sra. Thatcher que Millar tornou-se mais conhecido, não só pelos seus “ *speeches* ”, como também na criação de um importante slogan para o mandato conservador da Primeira Ministra. “ *The lady's not for turning* ” sintetizou o amálgama de idéias expressas sob a “ Nova Direita ” inglesa, ou o movimento que conduziu Sra. Thatcher ao poder em 1979, ao mesmo tempo em que se rompia de maneira abrupta com o passado político inglês. O “ *motto* ” permaneceu firme durante os onze anos de mandato(1979-1990), inclusive nas reeleições, tornando-se uma frase histórica e célebre no mundo inteiro.

A análise a que procedemos do enunciado referido inicia-se com uma contextualização do momento histórico imediatamente anterior à eleição de Sra. Thatcher, indicando alguns fatos marcantes que contribuíram para uma análise de discurso. Para a análise do discurso propriamente dita, o texto teve como base idéias oriundas da vertente francesa de Michel Pechêux, com algumas referências auxiliares. A metodologia utilizada foi fundamentada na análise realizada por este autor do discurso de F.Mitterrand nas eleições francesas de 1982 intitulada “ *On a Gagné* ”.

. CONTEXTUALIZAÇÃO.

Estamos no ano de 1979. A Inglaterra está à beira de uma crise social, um dos Invernos mais “ rigorosos ” dos últimos tempos, o “ *Winter of Discontent* ” expressa a situação de descontentamento e discórdia da população em geral diante do Governo Trabalhista Callaghan. As eleições deste mesmo ano apontam a vitória de Sra. Thatcher, do Partido Conservador, a princípio portadora de propostas originais de política econômica para enfrentar problemas que os governos anteriores tinham sido incapazes de solucionar.

Thatcher aparecia no cenário inglês como única alternativa política tendo em vista os fracassos sucessivos acumulados por governos antecessores. Em 1976, a Inglaterra recebia ameaças do FMI, através das “ *Letters of Intent* ”(Cartas de Intenção), ditando regras a serem cumpridas em prazos determinados, no propósito de que a economia inglesa se ajustasse num curto período de tempo. Através do ajuste no Balanço de Pagamentos inglês, intencionava-se eliminar o déficit externo, cuja persistência certamente culminaria na crise da libra esterlina. Nesta mesma época, o gasto público apresentava níveis explosivos e insustentáveis; o nível de desemprego era crescente e a inflação, alimentada pelo segundo choque do petróleo(1978), atingia níveis históricos. Tudo isto ocorre num contexto de instabilidade e incerteza que foi o dos anos setenta, período caracterizado pela ausência de paridades cambiais e pela volatilidade dos juros.

O cenário mundial apresentava um desequilíbrio explícito entre as nações superavitárias(exportadoras de petróleo) e deficitária(consumidoras). Por sua vez, a política econômica colocada em prática a nível internacional caminhava em ciclos de *stop-go*, ou seja, não havia uma linearidade na condução das políticas. As medidas governamentais para expansão da economia eram seguidas por uma súbita reversão a nível da política econômica. É neste contexto que emerge o pensamento conservador inglês sob a influência das doutrinas monetaristas de Friedman, da concepção novo-clássica das expectativas racionais, do ultraliberalismo austríaco e correntes afins, identificados com a “ Nova Direita ”. O ano de 1979 representa uma inflexão significativa a nível nacional e mundial, simbolizando o rompimento com um ideal de política até então tido como consensual em vigor nas principais nações capitalistas. A reversão marca o rompimento com o “ consenso keynesiano ”, o Welfare State(Estado do Bem-Estar) e a coordenação tripartite(Estado, classe capitalista e classe trabalhadora organizada). De fato, anteriormente havia uma coesão social sob a égide do Estado, do mesmo modo que havia uma priorização do governo ou até mesmo um compromisso com o pleno emprego da população(via gasto público, principalmente). Em 1979, com base numa proposta anti-intervencionista de livre-mercado, o receituário de política econômica aponta para a redução do tamanho do Estado, combate a instituições organizadas(como os sindicatos) e claros estímulos à acumulação capitalista.

Sra. Thatcher era uma política, antes de mais nada, convicta, contra a idéia do consenso, pois caberia ao próprio governo criá-lo. Detentora de uma personalidade forte, nas suas próprias palavras: “ Não existe consenso, o que existe é acordo e consentimento. O consenso é a negação da liderança.”¹ . Desde 1979, quando expôs publicamente seu plano de governo, já estava claro que Thatcher seria consistente em suas metas e os objetivos do governo(prioritariamente, o combate à inflação) seriam perseguidos com convicção. Os meios para se atingir as metas estavam explicitados desde logo: metas monetárias estratégicas de médio prazo, privatização das empresas estatais e redução do gasto público. Esta seria a tônica ao longo de todo o mandato da Primeira Ministra. O caráter inflexível de seu governo era algo inequívoco; a convicção com que apresentava suas propostas era sua marca registrada. Ainda nos dias de hoje, após ter deixado um legado “ significativo ” para o ingleses, apesar de duas severas recessões na economia durante os anos oitenta, a Dama de Ferro² continua firme em suas proposições . Em nenhum momento hesitou nas suas idéias originais: quem ouviu um discurso da ex-Primeira Ministra no ano de 1979, certamente se familiarizará com uma colocação semelhante nos dias de hoje(Em suas palavras, quase nada mudou). Ainda que os meios utilizados para implementar a política econômica tenham variado ao longo de seu governo, o cerne de seu pensamento(seus objetivos) manteve-se inalterado este tempo todo.

. ANÁLISE DO DISCURSO.

Millar, como ele mesmo afirmou, “ tenta reproduzir fielmente em seus discursos o ponto de vista das autoridades políticas ”. Ao mostrar um *speech* recém elaborado a alguma personalidade, sua orientação básica é a de que haja **representação**. Insistia para que os oradores tivessem uma postura quase que dramática diante do público, atores numa **metáfora teatral**. Deveriam agir como tal, sem no entanto abandonar suas personalidades, e esta, segundo Millar, é a diferença básica entre o “ **político ator** ” e o “ ator político ”. O

¹ Citado por E. Giannetti em artigo na F. S. Paulo, 20/03/94.

² “ Iron Lady ” foi o adjetivo emprestado à Primeira Ministra.

político deve carregar nos seus discursos uma bagagem cultural e intelectual indispensável para uma boa desenvoltura.

Ao elaborar o lema “ *The lady’s not for turning* ”, Millar pensou numa frase simples e de efeito, algo que pudesse soar familiar aos ingleses. Afirmou: “ Era como se houvesse um albatroz atrás de mim e pensasse, de repente, bem eu viro se eu quiser ”³. À época, e nos últimos anos, a imprensa muito comentava acêrca dos “ *U-turns* ”(Isto se aplicava principalmente ao Governo Heath). *U-turns* nada mais eram do que as políticas impopulares⁴ de *stop-go*, desvios ou reversões na proposta inicial de governo. O momento parecia, pois, oportuno para se utilizar desta idéia, e a partir dela elaborar um slogan de campanha. Os *U-turns* eram algo bastante atual ou facilmente resgatável na memória da população.

Inicialmente, identificamos no enunciado a **polifonia** constitutiva, ou seja, a identificação de várias vozes expressas nas figuras do locutor, do autor e do enunciador. Ainda que R. Millar seja o autor definitivo do slogan, ele está obedecendo formalmente às regras de locução e enunciação. Pode-se dizer que há uma tentativa de **convergência** das três vozes, à medida em que elas estão empenhadas conjuntamente num único ideal, no caso a promoção ou propaganda de um político. Tal identificação faz com que o autor esteja a serviço dos demais elementos: o mesmo empenha-se na coerência e cumplicidade do enunciado, a fim de que o locutor o **represente** com sucesso. Em entrevista, R. Millar afirma ter **afinidade** com as idéias de seu *principal*. Segundo ele, deve haver simpatia do “ *speech writer* ” com o orador do discurso. Se o político por acaso efetuar um *swing* de posições, ou virar-se contra suas idéias iniciais, certamente o mesmo irá buscar a ajuda de um outro “ *speech writer* ”, sem que isto prejudique ou comprometa a posição dos escritores.

No entanto, como a locução aparece sob as mais variadas formas, desde a locução pessoal e subjetiva até a mídia(imprensa, escrita, TV, rádio), o enunciado encontra-se, de

³ Entrevista de Millar à Revista Speak Up, num 86, May 1994.

⁴ A impopularidade de tais política era notada principalmente no meio político,

certa forma, **deslocado** de suas condições iniciais de produção. Neste caso, o enunciado está sujeito a fortes **coerções** e influência do meio por onde circunda(**alteridade**). Como os locutores são verdadeiros “atores teatrais”, como disse Millar, procedem da mesma maneira dramática: são veículos das **imagens**, distorções ou representações da realidade. Ou ainda, “a um só tempo, o slogan impulsiona e **engana** ou consegue dar a seu destinatário a ilusão de ser seu destinador”, como afirmou Reboul.

De acordo com D. Maingueneau(1989), a **citação de autoridade** é aquela na qual o locutor profere falas pelas quais não se responsabiliza e, ao mesmo tempo, apaga-se diante de um Locutor(em letra maiúscula) superlativo que garante a validade da enunciação. A categoria “slogan político” goza do aspecto da **intangibilidade**. De acordo com este autor, “as coletividades supostas pela formação discursiva partilham de um tesouro de enunciados fundadores”. No caso do slogan, o locutor é responsável pelo efeito da enunciação à medida em que esta é parte **constituente** do discurso. A locução propagandística, meio pelo qual é veiculado uma imagem do governo, tem todas as características mercadológicas, ou seja, é algo voltado para o mercado. Para isso, são utilizadas técnicas semelhantes as de um lançamento de um produto:

- (i) Existe uma “pesquisa de mercado” prévia ao lançamento da propaganda
- (ii) Uma avaliação da “psicologia do consumidor”
- (iii) A viabilidade de se veicular esta ou aquela imagem

Podemos identificar uma **pressuposição** implícita ao enunciado. Quando se afirma “*The lady's not for turning*”, está-se supondo a existência de *U-turns* significativos nos governos anteriores a Sra. Thatcher e que, certamente, a mesma estaria navegando contra a corrente dos *U-turns*. Esta seria uma característica distintiva e original de seu governo, marcando todo o seu mandato.

O enunciado parte de uma **negação**, onde é lançada a suposta concordância do leitor. No caso, supõe-se que o mesmo seja capaz de concordar(refutando a prática dos *U-turns*) ou de realizar uma reconstituição histórica do ocorrido até que venha a concordar. Ao mesmo tempo, trata-se de uma **negação polêmica** ou da refutação de um enunciado

positivo. De acordo com J. Moeschler, pode-se falar numa “ **refutação proposicional** ”, caso em que a incidência da negação não é definida(quem, de fato, é atingido com a enunciação ?). Conservando os pressupostos, o enunciado possui um caráter **enfático** à medida em que o *stress* recai sobre o termo *not*(acento de negação na frase). Do mesmo, modo a contração (apóstrofe) após *the lady's* prepara o ouvinte num ritmo decrescente para a proposição **inusitada** que virá em seguida em ritmo crescente(*not for turning*).

O uso das palavras **entre aspas** é uma das marcas da alteridade, relação intrínseca e constitutiva do enunciado com o exterior. Nas palavras de Maingueneau:

“ O texto não é um estoque inerte que basta segmentar para dele extrair uma interpretação, mas inscreve-se em uma cena enunciativa cujos lugares de produção e de interpretação estão atravessados por antecipações, reconstruções de suas respectivas imagens, imagens estas impostas pelos limites da formação discursiva ”⁵.

Dado seu caráter **imprevisível** e **implícito**, “ as aspas constituem antes de mais nada um sinal construído para ser decifrado por um destinatário ”⁶. Marcam uma **delimitação** necessária, um **afastamento** entre o governo e o resto da população; Sinal de **autoridade** e distinção, impõe-se um certo respeito à pessoa referida(Sra. Thatcher). De acordo com J. Authier, poderíamos associar as aspas deste enunciado sob variadas formas:

- A) **Diferenciação**, indicando que o enunciado está além daquilo que é expresso por meio das palavras.
- B) **Proteção**, indicando aproximação das palavras em uso com a realidade e também tornando a proposição, de certa forma, imune a críticas potenciais.
- C) **Ênfase**, mostrando a convicção daquilo que é dito.

“ *The lady's not for turning* ” demonstra toda a habilidade de Millar em realizar um “ *speech writing* ”. Através do uso do termo *the lady*, por exemplo, ao invés de algum outro pronome pessoal(Eu, Ela ou Sra. Thatcher), coloca de maneira sutil e proeminente o

⁵ Ver Maingueneau(1989),pg91.

⁶ Citado por Maingueneau(1989), pg 91.

sucesso pessoal de Sra. Thatcher como mulher. O termo *lady* evoca, numa sociedade machista como a nossa, um tipo de **feminilidade** característica de outros tempos. De fato, a primeira impressão produzida por *the lady* é um misto de ternura e graça. No entanto, há uma forte **instância moral** imprimindo um caráter de **eminência** e respeito, basta observar o uso de “ *to be for* ”(a favor de de) num sentido **imperativo**, ou de obrigação. Pensado de outra forma, o enunciado poderia ser dirigido à população como “ *The lady won't turn* ”, o que certamente não surtiria o mesmo efeito diante das circunstâncias da formação discursiva. Estamos diante de um **desafio** implícito não só aos inimigos políticos de Sra. Thatcher, como também uma ameaça ao meio político em geral frequentado pelo público masculino. O enunciado evidencia toda a **irreverência** de uma política no poder⁷. A metáfora de uma *lady* caminhando numa estrada retilínea, sem fazer “ **meias voltas** ” ou ouvindo sugestões alheias para que “ pegue à direita ou à esquerda ” é bem apropriada a proposta de Millar. A *lady* não mudará o sentido nem o roteiro de sua viagem, pois a mesma está orientada para um destino certo. *Turn* possui uma **conotação negativa** , basta apresentarmos suas derivações:

(i) *turn-tail, retreat* ou *run away*: no sentido de recuo ou fuga.

(ii) *turn yellow*: virar-se covardemente

. CONCLUSÃO

Como destacou M. Pechêux(1990), o acontecimento político, a despeito de seu caráter jornalístico e *mass-media* que o remete a uma instância sócio-política, revela uma **opacidade** inscrita no acontecimento. Do mesmo modo que em “ *On a gagné* ”, “ *The lady's not for turning* ” não apresenta forma nem conteúdo de uma estrutura enunciativa política, mas nos remete para uma instância de outra ordem. Seja pelo apelo à feminilidade, ou à convicção da “ *Dama de ferro inglesa* ”, o enunciado faz um retorno à Idade Média à época das Cruzadas Cristãs. A maneira como ele é colocado(ousadia, ameaça) exprime o caráter autoritário do governo(a intangibilidade ou o distanciamento). Implicitamente, pode-se por ora questionar: Afinal, a política não é uma via de várias mãos, a multiplicidade de idéias, o pluralismo de posições ou como preferirmos, o *locus* da

⁷ Certamente, o fenômeno Thatcher suscitou uma série de controvérsias no meio feminista.

democracia ? Ou será uma via de mão única, sem que se possa avistar um automóvel vindo na direção oposta ?

Pela sua simplicidade e coerência , “ *The lady's not for turning* ” teve o respaldo merecido pela inteligência na sua elaboração.

BIBLIOGRAFIA

- . Fonseca, E. G. , “ Os méritos e limites do Thatcherismo ”, In Jornal Folha de S. Paulo, 20/03/94.
- . Maingueneau, D. , “ Novas Tendências em Análise do Discurso ”, Ed. Pontes/ Unicamp, Campinas, 1989.
- . Millar, R. , “ Entrevista com R. Millar ”, Revista Speak-up, num 86, May 1994.
- . Pêcheux, M. , “ O Discurso: Estrutura ou Acontecimento ”, Ed. Pontes, Campinas, 1990.
- . Pêcheux, M. , “ Delimitações, Inversões, Deslocamentos ”, In Cadernos de Estudos Linguísticos 19, Unicamp, jul-dez 1990

BIBLIOGRAFIA

- . Ammot, Teresa e Krieger, Joel, " Thatcher and Reagan: State Theory and the " Hyper-Capitalist " Regime " In New Political Science, 1982, num. 8
- . Arestis, P. E Skuse, F., " Austerity Policies and the new right: recent UK experience ", In Economie Appliquée, tome XLII, 1989, num.1.
- . Arestis, P. E Bain, K. , " Budget Deficits and Stabilisation Policies in the UK: 1979-1993 ", In Economies et Sociétés, Janvier- Février 1994, mp num. 9.
- . Arestis, P. , " Macroeconomic Policies of the 1974-79 Labour Government ", In Skouras, T. (org.), " Post keynesian economic theory: a challenge to new classical economics ", Wheatsheaf, 1985.
- . Arestis, P., " The UK Monetarist Experiment ", In Journal of Public Policy, num.4, Feb. 1984.
- . Artis, M.J. e Lewis, M.K., " Monetary Control in the United Kingdom ", Philip Allan Pub.Lim., Oxford, 1981.
- . Beckerman, Wilfred, " Economic Policy and Performance in Britain since World War II " In Arnold C. Harbarger(org.), " World Economic Growth "
- . Bhaduri, A., " Las Repercusiones del monetarismo en los países en desarrollo ", In Investigación Económica, num.172, abr.-jun. 1985.

. Borooah, V.K. e Ploeg, F.V.D., " Political aspects of the economy " , Cambridge University Press, Cambridge, 1983.

. Boyer, R. , " Entrevista com R. Boyer ", In Investigación Económica, num 183, 1988.

. Boyer, Robert, " The Influence of Keynes on French Economic Policy: Past and Present " In Harold L. Wattel(ed.), " The Policy Consequences of John Maynard Keynes ", 1985

. Brown, M. B. , " Away with all the Great Arches: Anderson's History of British Capitalism ", In New Left Review, Num.167, Jan.-Feb. 1988.

. Buitter, W. E Miller, M., " The Thatcher Experiment: The First Two Years " , In Brookings Paper on Economic Activity, num.2-1981.

. Buitter, W. E Miller, M., " Changing the Rules: Economic Consequences of the Thatcher Regime " , In Brookings Papers on Economic Activity, num.2-1983.

.Chick, V., " The Evolution of the Banking System and the Theory of Monetary Policy " , Paper Presented at a Symposium, sept. 1988

. Chouraqui, J. C. , " Los deficits publicos en los paises de la OCDE: causas, consecuencias e remedios " In Papeles de Economía Española, num 24, 1985.

. Coakley, J. E Harris, L., " The City of Capital - London's role as a Financial Centre " , Basil Blackwell, Oxford, 1983.

- . Desai, M. , " El Monetarismo a prueba " , Fondo de Cultura Económica, México, 1989.

- . Eatwell, J. , " Keynes, Keynesians and British Economic Policy " , In Harold Wattel(ed.), "The Policy Consequences of J.M.Keynes" , 1985.

- . Eltis, W.(ed.), " Keynes and Economic Policy: the Relevance of the General Theory after Fifty Years " , Macmillan Press, London, 1988.

- . Fonseca, E. G. , " Os méritos e limites do Thatcherismo " , In Jornal Folha de S. Paulo, 20/03/94.

- . Fundap/SCTDE/IESP, " O Formato Institucional do Sistema Monetário e Financeiro - Um Estudo Comparado " , S. Paulo, 1990.

- . Gamble, A. " The free Economy and the Strong State: the politics of thatcherism " , Durham: Duke University, 1988.

- . Goodhart, C., Entrevista realizada na Revista Conjuntura Econômica, vol.47- num.11 - nov.1993.

- . Goodhart, C. , " The Conduct of Monetary Policy " , In The Economic Journal, June - 1989.

- . Gough, I. , " The Political Economy of the Welfare State " , Macmillan, London, 1985.

- . Green, F.(ed.) , " The Restructuring of the UK Economy " , Harvester Wheatsheaf, London, 1989.

- . Hall, P., " Governing the Economy: The Politics of State Intervention in Britain and France " , Oxford University Press, N. York, 1986.

- . Healey, N., " The UK 1979-82 " Monetarist Experiment ": why Economists still disagree " , In Banca nazionale del Lavoro Quarterly Review, num.163, Dec. 1987.
- . Hirst, P. , " Britain's Road to Disaster " , In Dissent, Summer 1993.
- . Hodgson, Geoff, " The British Experience " In Edward Nell, " Prosperity and Public Spending - Transformation Growth and the role of government " , 1988.
- . Jessop, Bob et alli, " Authoritarian Populism, Two Nations, and Thatcherism " , In New Left Review, num 147, Sept. - Oct. 1984.
- . Johnson, C., " The Economy Under Mrs. Thatcher (1979-1990) " , Penguin Books, London, 1981.
- . Kaldor, N. , " How Monetarism Failed " , In Challenge, May-June 1985.
- . Kaldor, N. , " The Scourge of Monetarism " , Oxford University Press, 2nd edition, Oxford, 1986.
- . Kalecki, M. , " Crescimento e Ciclo das Economias Capitalistas " , Ed. Hucitec, S. Paulo, 1977.
- . Krieger, J., " Reagan, Thatcher and the Politics of Decline " , Oxford University Press, N. York, 1986.
- . Leruez, J. , " El Legado del Thatcherismo en Gran Bretaña " , In Foro Internacional, Oct-dec 1992.
- . Lipietz, A. " Audácia: Uma Alternativa para o Século 21 " , Nobel, 1991.

- . Matthews, K. e Minford, P., " Mrs. Thather's Economic Policies(1979-1987) ", In Economic Policy, Vol.2- num.2-oct. 1987.
- . Mattews, R.C.O e Sargent, J.R.(ed.) , " Contemporary Problems of Economic Policy ", Methen London e N. York, London, 1983.
- . Maynard, G., " The Economy under Mrs. Thatcher ", Basil Blackwell, Oxford, 1989.
- . Meek, P.(ed.), " Federal Reserve Bank of New York: Papers Presented at a conference held at the Federal Reserve Bank ", Reserve Bank of New York, May 1982.
- . Miranda, J.C.R., " Câmbio, juros e fisco: a experiência internacional " - tese de doutorado, UNICAMP, Campinas, 1992.
- . Parguez, A. , " Keynesianismo e Austeridad ", In Investigación Económica, num198, oct-dec 1991.
- . Rukstad, M.G., " Macroeconomic Decision in the World Economy ", The Dryden Press, 3rd edition, 1990.
- . Smith, D. , " The Rise and Fall of Monetarism: the theory and politics of an economic experiment ", Penguin Books, London, 1987.
- . Taylor-Gooby, P. , " Welfare, Hierarquia e a "Nova Direita" na Era Thatcher ", In Lua Nova, setembro 91, num. 24.
- . " The Thatcher Legacy ", In The Economist, October 2nd, 1993.

. Thatcher, M, “ Entrevista na Revista Veja ”, março 1994, num. 10.

. Thatcher, M., “ The Downing Street Years ”, Harper Collins Pub., N. York, 1993.